

**VANESSA BEGA MENEZES**

**FORMAÇÃO E ATUAÇÃO  
PROFISSIONAL: UMA RELAÇÃO  
INDISSOCIÁVEL**

Mestrado em Serviço Social

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo - 2006**

**VANESSA BEGA MENEZES**

**FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL:  
UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Carmelita Yazbek

**PUC - São Paulo  
Agosto de 2006**

**São Paulo, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_**

**Banca Examinadora**

---

---

---

## DEDICATÓRIA

---

À todos os profissionais que acreditam nesta profissão e que compartilham desse projeto. Àqueles que acreditam que homens e mulheres são sujeitos da História e que, portanto, "um outro mundo é possível".

## AGRADECIMENTOS

---

**Difícil nesse espaço expressar todos os agradecimentos às pessoas que passaram e que estão na minha vida, que contribuíram de diferentes formas para minha formação profissional e pessoal:**

À toda minha família, pelo apoio, incentivo e amor que sempre recebi e distribuí. Pessoas que amo!

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Carmelita Yazbek, com quem estabeleci mais do que uma relação professor-aluno. Pelo apoio nos momentos de decisão, e foram vários, e pelas reflexões possibilitadas em todo o processo. Meu muito obrigada!!

Às professoras Maria Lucia Barroco, Rachel Raichelis e Maria Lucia Martinelli, por terem aceito meu convite de contribuírem com este trabalho. Professoras de longa data que são parte de todo este processo de construção do conhecimento, que é lento e difícil... Obrigada pela amizade e respeito!!

Aos professores: José Paulo Netto, Evaldo Vieira, Dilséa Bonetti, Cris Brites e Bia Abramides, que fizeram este percurso ser mais interessante, com suas contribuições e reflexões.

À todas (os) companheiras (os) de formação profissional, incluindo aí os colegas do CRESS, pelas várias reflexões, parte delas 'incorporadas' neste trabalho, pelas críticas e pela "construção coletiva" que, às vezes é difícil, mas sempre possível. Por lutarem por esse projeto.

Especialmente aos colegas do Nepedh e do Neam, espaços privilegiados de discussão e reflexão coletiva que repercutiram em mim e na minha vida pessoal. Acredito não ter conseguido expressar as reflexões na totalidade deste trabalho. Mas, como valeu a pena estar com vocês!!!

À todas assistentes sociais que aceitaram ser entrevistadas. Pela sinceridade, sentida em todas as entrevistas, pela recepção e colaboração.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo e apoio à pesquisa.

À minhas amigas de longa data: Damaris, Aline e Janaina, por terem feito e ainda fazerem parte da minha vida. Por todas as descobertas, medos e acertos. Mesmo distantes, ainda guardo a presença de vocês em mim. Como diz a canção: "a amizade, nem mesmo a força do tempo irá destruir...".

À Mirella, que sempre compartilhou alegrias e desafios profissionais e pessoais. É até difícil de expressar o que representa para mim...

E por fim, ao meu "companheiro" de alguns anos, João, pela compreensão, pela companhia e por tudo que já vivemos juntos (e que ainda poderemos viver...). Pelo incentivo, carinho e amor, e por acreditar, tanto quanto eu, "num outro mundo" !!!

A presente dissertação trata da profissão de Serviço Social na articulação de duas dimensões fundamentais: atuação e formação profissional, tendo como referência a incorporação do projeto ético-político construído pela categoria profissional no decorrer das décadas de 80 e 90. Uma relação estabelecida é com a capacitação continuada; a outra é com a participação política, cívica e profissional, ambas potenciais catalisadoras de uma atuação profissional comprometida com esse projeto. Tal discussão está inserida no campo da teoria crítica de análise da realidade social e, assim, tem como reflexões fundamentais os desafios postos à profissão na atual conjuntura e os desafios para a categoria profissional na articulação dessas dimensões. Pretende-se contribuir com a discussão sobre a apropriação desse projeto profissional, ético-político, e refletir sobre as necessidades de dar materialidade a ele e aos seus princípios.

Palavras-chave: Serviço Social, projeto ético-político profissional, relação entre atuação e formação profissional.

## ABSTRACT

---

The present thesis focuses on two basic dimensions of the profession of Social Work: educational formation and professional practice, from the perspective of the guidelines established by the ethical and political project developed by this professional category during the decades of 1980 and 1990. In terms of formation, it considers the need for continued education, while political, civic and professional participation is viewed in the context of professional practice. Both are regarded as potentially contributing to a professional practice embedded in that project. The discussion is guided by Critical Theory for the analysis of social reality and, therefore, its fundamental arguments deal with the challenges faced by the profession to articulate both dimensions in the present conjuncture. Thus, the thesis aims to contribute to the appropriation of such a professional, ethical and political project by reflecting on the need to materialize its principles.

Keywords: Social Work, professional ethical and political project, relationship between education formation and professional practice.



## LISTA DE SIGLAS

---

ABESS – Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social

ABEPSS – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

CAPS – Centro de Apoio Psico-Social

CBAS – Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social

CMP – Central dos Movimentos Populares

CRESS – Conselho Regional de Serviço Social

FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

MEC – Ministério da Educação

ONG – Organização Não Governamental

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SS – Serviço Social

UMM – União do Movimento de Moradia

**“Privatizaram sua vida, seu trabalho,  
sua hora de amar e seu direito de pensar.  
É da empresa privada o seu passo em frente,  
seu pão e seu salário.  
E agora não contente querem  
privatizar o conhecimento, a sabedoria,  
o pensamento, que só à humanidade pertence”.**

(Poema: Privatizado, de Bertold Brecht).

**“Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito  
como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada,  
de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural, nada deve parecer  
impossível de mudar”.**

(Poema: Nada é impossível de Mudar, de Bertold Brecht)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
A pesquisa.....	26
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>SERVIÇO SOCIAL: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE</b>	
1. Significado sócio-histórico da intervenção profissional.....	33
2. A condição de assalariamento.....	37
3. A construção de um projeto profissional.....	40
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A ARTICULAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO</b>	
<b>PROFISSIONAL</b>	
A articulação entre formação e atuação profissional.....	49
1. A relação indissociável entre formação e atuação profissional .....	54
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>SUJEITOS DA AÇÃO PROFISSIONAL: COM A PALAVRA,</b>	
<b>AS ASSISTENTES SOCIAIS</b>	
1. Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	65
2. Modos de “pensar” e “viver” a profissão.....	67
3. Reflexões sobre a formação profissional.....	73
4. Participação política, cívica e profissional.....	81
5. Relações entre projeto, formação e atuação profissional: totalidade e	
necessidades .....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>124</b>

## INTRODUÇÃO

---

Assisto em mim a um desdobrar de planos.  
as mãos vêem, os olhos ouvem, o cérebro se move,  
A luz desce das origens através dos tempos  
E caminha desde já  
Na frente dos meus sucessores.  
Companheiro,  
Eu sou tu, sou membro do teu corpo e adubo da tua alma.  
Sou todos e sou um,  
Sou responsável pela lepra do leproso e pela órbita vazia do cego,  
Pelos gritos isolados que não entraram no coro.  
Sou responsável pelas auroras que não se levantam  
E pela angústia que cresce dia a dia.

(Trecho do poema: Somos Todos Poetas – Murilo Mendes)

## Introdução

A reestruturação produtiva em curso no capitalismo contemporâneo é uma resposta do próprio capitalismo à sua crise, é resultado de uma profunda crise estrutural e cíclica no interior deste sistema, que foi ocorrendo a partir dos anos 70 e 80 nos países centrais do capitalismo (Japão, Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha) e a ver com o esgotamento econômico e político de seu desenvolvimento a partir do pós-guerra.

Nos anos dourados do capitalismo ocorreu a industrialização moderna centrada na maquinaria (fordismo/taylorismo), onde o consumo e a produção eram em massa, havia divisão social e técnica do Trabalho entre países periféricos e centrais e, na esfera política, ocorria o Welfare State (modelo keynesiano).

Em meados da década de 70 houve a crise do petróleo e a queda do dólar, e o capitalismo, que estava num alto nível de desenvolvimento, passava também por um momento de deflação e estagflação, ou seja, a economia estava em crise e estagnada, o mercado estava em retração.

Neste momento, as corporações começaram a reestruturar, racionalizar e intensificar o controle do trabalho e a implantar mudanças tecnológicas, automação e informatização (redução do trabalho vivo e ampliação do trabalho morto, que gerou desemprego e perdas de postos e funções de trabalho), além de começarem a buscar “espaços” em que o controle do trabalho era maior e mais fácil (como em países que não havia sindicatos ou mesmo, regime de proteção das relações de trabalho), com o objetivo de aumentar a produtividade. Passa-se então

(...) à *acumulação flexível* (...), marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. (...) se apóia na flexibilidade dos

processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo (Harvey, 1996:140).

Adota-se o modelo de produção japonês, toyotismo, e implanta-se a intensificação da produtividade (e conseqüentemente aumenta-se a extração da mais-valia) através de Círculos de Controle de Qualidade (controle dos trabalhadores e adequação do saber intelectual destes), além de outras técnicas como o *Kanban*<sup>1</sup>. Os produtos são cada vez mais descartáveis para a manutenção e ampliação do lucro.

Os trabalhadores são agrupados em equipes ou “células” de trabalho, e, em nome da Qualidade Total, cada um dos trabalhadores acaba por recriminar ou cobrar do seu companheiro de “equipe” se este “faltar” em algum momento. O trabalhador é o controlador de seu próprio trabalho e de seu vizinho, o que ocasionou também a perda de alguns postos de trabalho, pois no modelo anterior (fordista/taylorista) existia esses controladores (gerentes, chefes, etc.). Cobra-se um trabalhador polivalente, em substituição às especializações, que realize o trabalho equivalente a duas ou mais pessoas, precarizando as relações de Trabalho.

Prega-se também uma empresa enxuta, onde só os setores essenciais ficam, sendo que os demais são terceirizados, quarterizados, etc. Então, há processos produtivos em relações diferentes, reduzindo o custo para as empresas. Introduce-se também a cooptação dos trabalhadores para a “cultura do colaboracionismo”, ou seja, o que existe são “colaboradores”, e não mais trabalhadores (a empresa colabora com o funcionário e este com a empresa). Busca-se suprimir a desigualdade

---

<sup>1</sup> Nas palavras de Batistoni: “(...) sistema de informações que controla a quantidade de produção em cada processo; administra os estoques, viabilizando o *just in time* (JIT), que implica modificações mais globais envolvendo todo o processo (produção, controle de qualidade, transportes e estoque); o princípio é produzir o que é necessário, na quantidade necessária e no momento necessário”.(2001:177)

de classes e de interesses. Se há queda na produção, o trabalhador se sente responsável.

Entretanto, o processo de reestruturação produtiva não foi igual em todos os países. No Brasil, ela ocorre com as marcas do capitalismo brasileiro, tardio e periférico, e se inicia nos anos 80/90 como resposta à crise brasileira dos anos 80, que teve como características a recessão, o arrocho salarial, a queda da produção e dos empregos, a redução dos gastos estatais, altas taxas de inflação, etc. Nas palavras de Batistoni:

Nos anos 80, o mercado de trabalho brasileiro esteve sujeito a todas as flutuações. (...) Houve uma redução do emprego industrial e a ampliação da precarização das relações de trabalho, com aumento dos trabalhadores sem contrato de trabalho, ampliação da informalização, redução do poder de compra dos salários, aumento da desigualdade de renda dos indivíduos e das famílias (2001:168).

Todo esse processo ocorre com um agravante: como a reestruturação estava ocorrendo internacionalmente, a crise brasileira já sofria os impactos destas mudanças e por isso ela foi maior e mais profunda, principalmente no que se refere às conseqüências ao mundo do Trabalho, pois interrompe/reduz a condição de assalariamento e amplia a heterogeneidade do mercado de trabalho.

No Brasil, a reestruturação produtiva dá-se fundamentalmente pela introdução de novos modos de organização e gestão do processo de Trabalho, e não apenas com a implantação de tecnologia, que vêm como decorrência desse processo. O Capital busca sair da crise não pela

implementação de novas tecnologias<sup>2</sup>, e sim pelo uso predatório da força de Trabalho, ampliando-se a mais-valia relativa e a absoluta sem necessariamente ampliar a tecnologia:

A recuperação da taxa de lucro do capital esteve condicionada, em grande medida, à intensificação e *ao uso predatório da força de trabalho*, com base em fragmentação de tarefas, baixos salários, sem repasse de ganhos de produtividade, ampliação de jornadas de trabalho, além da extrema flexibilização do trabalho (alta rotatividade, ausência de barreiras para demissões, etc.) (Batistoni, 2001:164, grifo meu).

Assim, as mudanças político-organizacionais foram parcialmente e progressivamente implantadas. Os Círculos de Controle de Qualidade (C.C.Q), núcleos voluntários de trabalhadores que fazem sugestões na produção e ganham prêmios, gerando competição entre eles, foi uma das primeiras estratégias organizacionais a ser implantada, pois era uma resposta do Capital às comissões de fábrica organizadas dentro do local de trabalho e que também tinham o controle do processo de produção.

Após, foram sendo implantadas as células de produção, o *just in time* (produzir o que é necessário, na quantidade e no momento necessário), o *Kanban*, etc., que são introduzidas mas não substituem as práticas anteriores do fordismo (elas convivem). Estas práticas agravam, definem e redefinem a organização do trabalho, pois se pretende garantir a adesão plena do trabalhador, onde ele fique à total disposição da empresa.

---

<sup>2</sup> Vale destacar também a crescente financeirização da economia como caminho para a acumulação, que, "favorece os investimentos especulativos em detrimento da produção" (Iamamoto, 2002:29), gerando redução nos níveis de emprego. Ainda segundo a autora, essa financeirização "tende a provocar crises que se projetam no mundo, gerando recessão. É resultante dessa lógica a volatilidade do crescimento que redundam em maior concentração de renda, da propriedade e aumento da pobreza" (2002:28).



Outra questão importante a ser levantada é que esse modelo de produção está inserido numa determinada conjuntura sócio-histórica: a política neoliberal. O neoliberalismo implantado no Brasil, e no mundo, tem compromisso não com a produção nacional, e sim com uma abertura comercial que é imposta pelos organismos mundiais de dominação (FMI, Banco Mundial, etc.). Conforme sintetiza Alves:

(...) é apenas no governo Collor que a liberalização comercial surge como um dos principais eixos da política neoliberal voltada para a inserção na mundialização do capital, capaz de instaurar novos patamares de valorização no Brasil. (...) é o espírito do ajuste neoliberal. (...) A liberalização comercial prossegue sob o governo de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, tornando-se *a pedra fundamental da era neoliberal* (...) (2000: 186-187, grifo meu).

O Neoliberalismo, política dominante na atualidade, tem uma proposta que “restaura o mercado como instância mediadora societal elementar e insuperável e uma proposição política que repõe o Estado Mínimo como única alternativa...” (Netto, 1995:77), ou seja, prega a minimização do Estado, e, para isso, as privatizações são necessárias e efetivadas, obstruindo a sua função pública a serviço da coletividade, comprometendo suas responsabilidades e obrigações sociais. Sintetiza Soares:

Se a concepção hegemônica, que orienta finalmente a transformação do Estado, define a sociedade como mero agregado de indivíduos que realizam seus interesses individuais, as ações que interfiram nesses interesses não podem ser legitimadas. Assim a saúde, a educação, a alimentação, o trabalho, o salário perdem sua condição de *direitos* – constitutivos de sujeitos coletivos – e passam a ser recursos (ou mercadorias) regulados unicamente pelo mercado. O não acesso a eles deixa

de ser um problema do Estado, tornando-se um problema a ser resolvido no âmbito do privado (2000:73).

Assim, esse modelo de acumulação implica na mudança de significado dos direitos sociais, conseqüentemente restringe a concepção de cidadania. O ideário é o da individualização de todas as relações sociais, de que o indivíduo é o único responsável pelo 'sucesso'. Por isso, surgem diversas propostas de regressão e flexibilização dos direitos sociais e trabalhistas conquistados.

Ao mesmo tempo, o chamado "terceiro setor"<sup>3</sup> entra e se generaliza na sociedade brasileira no momento em que o governo brasileiro diminui os investimentos nas áreas sociais, objetivando o 'Estado Mínimo' e desresponsabilizando-se de suas atribuições e funções públicas de interesse coletivo. Há um aprofundamento na separação público-privado, cabendo ao último a reprodução e a execução das políticas sociais públicas e dos serviços sociais, já que a proposta de minimização do Estado vai no sentido de deslocamento das políticas sociais para o setor privado e, principalmente, para a "sociedade civil organizada".

Uma das características do Terceiro Setor é a parceria, realizada entre as organizações não-governamentais, entidades e Fundações da sociedade civil e o setor privado e público, para obter financiamento e apoio para sua sustentação. Além destas parcerias, há um grande chamamento da sociedade para o trabalho voluntário, responsabilizando novamente a sociedade civil para ações que são de ordem pública e não questionando a desregulamentação do trabalho que este exercício pode ocasionar, além de não fazer a relação (e reflexão) com o modelo

---

<sup>3</sup> Conforme Montañó (2001): "(...) É neste contexto (...) que surge o termo "terceiro setor": com a clara função de setorizar a sociedade em três instâncias desarticuladas e de criar uma imagem ideológica de um suposto "setor" homogêneo, que seria "popular", "progressista", sem conflito ou contradição interna e que intervém eficientemente nas respostas as necessidades sociais que o Estado (tido como burocrático, corrupto, ineficiente, a serviço exclusivo do capital) vai abandonando".

excludente, fundado na desigualdade, em que a sociedade se desenvolve.

Ao elaborar e executar programas e projetos de interesse público, este “setor” assume determinadas responsabilidades que são prioritariamente estatais, devendo, por isso, ser geridos pelo Estado, pois os programas implantados por este setor, muitas vezes, são referentes a direitos básicos dos cidadãos.

Essa desresponsabilização é entendida por parte da sociedade como inevitável, uma vez que o Estado não “consegue” atender às demandas da Questão Social e efetivar as políticas públicas. A sociedade agora aparece travestida de uma máscara, como se ela fosse uma grande comunidade dotada de cidadãos solidários e dedicados ao empreendimento voltado ao bem comum.

Entretanto, é importante enfatizar a diferença da participação existente após a Constituição de 1988, quando são criados os conselhos deliberativos formados a partir dela (entre sociedade civil e Estado), que não têm um caráter de parceria e sim de controle social e de participação popular nas decisões, viabilizando iniciativas populares, onde a população pode recomendar determinadas políticas sobre questões inerentes à sociedade.

Para sintetizar, Anderson, faz um “balanço provisório” do neoliberalismo, já que esse não é um processo acabado:

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais,

embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou um êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente não sonharam, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas. (...) Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que, naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes. A tarefa de seus opositores é a de oferecer outras receitas e preparar novos regimes. Apenas não há como prever quando ou onde vão surgir. Historicamente, o momento de virada de uma onda é uma surpresa (1995:23).

A reestruturação produtiva, em conjunto com o modelo neoliberal, intensifica os processos de desemprego, exclusão, terceirização, quarteirização, privatizações, trabalho em domicílio, subcontratações, subempregos, trabalho informal, entre outros, que precarizam e desqualificam cada vez mais as relações de trabalho para a classe trabalhadora e que atingem de forma ímpar a todos os setores da sociedade. Simultaneamente, implementa-se a desregulamentação das relações de Trabalho, flexibilizando as leis existentes (quebrando direitos conquistados).

Todos os processos que estas mudanças acarretam já existiam na realidade do Mundo do Trabalho brasileiro, como o trabalho informal, domiciliar e a sub-contratação. O grande problema é que eles são intensificados e agravados de forma tal que a realidade fica cada vez mais complexa, assim como as conseqüências de todo este processo (exclusão, desemprego estrutural, miséria, trabalho precarizado, entre outros).

Todas essas mudanças, que fazem parte do ideário neoliberal, contribuem para a exacerbação da alienação e do individualismo, que se reproduz no cotidiano, onde prega-se que cada um, individualmente, construa as possibilidades de “ser feliz” sozinho. Conforme Brites:

A sociabilidade burguesa, mediada por coisas e estimuladora do consumismo, contribui para a construção de uma noção de felicidade que se paute na posse, no efêmero, no fugaz...(1999:11)

Neste contexto colocam-se as bases para as tendências conservadoras atuais que, diante da “inexorabilidade” deste modelo de sociedade, se expressam em perspectivas teóricas, intelectuais e culturais.

Simultaneamente ao processo de reestruturação no âmbito da produção, do neoliberalismo<sup>4</sup> político-econômico, ocorre no âmbito da teoria, da ciência e da cultura o que se denomina de pós-modernidade, a que se deu também o nome de “crise dos paradigmas” (Netto, 1996:97). Assim sendo

(...) a pós-modernidade anuncia o desaparecimento das grandes oposições no campo da política, do social, da filosofia, da arte, para ceder lugar à emergência de categorias mais locais e operativas e, com certeza, mais efêmeras. Trata-se, portanto, de abarcar a vida social na sua totalidade, mas de forma fragmentada, como se fosse possível deslocar a esfera da cultura das esferas econômica e política (Simionato, 1999:83).

---

<sup>4</sup> Nas palavras de Chauí: “Ao vincularmos pós-modernismo e neoliberalismo quisemos sugerir que o primeiro não surge no vácuo e sem bases materiais (...) o pós-modernismo se constrói exprimindo a grande mudança do modo de produção capitalista que alguns designam com a expressão ‘acumulação flexível do capital’, em oposição ao Keynesianismo e à organização industrial fordista” (1992:385)

Assim, todas as teorias totalizantes da Modernidade, como o positivismo e o socialismo/comunismo, são colocadas à prova, a pós-modernidade “afirma que o poderio do Estado é ilusório e ilusória a dominação de classe, pois a realidade social é tecida por micropoderes capilares e disciplinadores da vida privada e sociopolítica”. (Chauí, 1992:346). Nas palavras de Netto:

(...) o que os pós-modernos tomam como tarefa “criadora” (ou, segundo alguns, “desconstrutora”), é a própria funcionalidade ídeo-social da mercadoria e do capitalismo. Essa funcionalidade está em maré montante no anos correntes. A dissolução das antigas identidades sociais (classistas), a atomização e a pulverização imediatas da vida social (...), uma nítida desqualificação da esfera pública universalizadora. (1996:98).

Evidências dessa “dissolução das antigas identidades classistas” são os novos movimentos sociais que lutam “pela paz, contra a violência”, por exemplo, que não tem um caráter de classe e, ao mesmo tempo, no seu reverso, “as tradicionais expressões e representações das classes e camadas subalternas experimentam crises visíveis (pense-se na *dessindicalização* e nos impasses de partidos políticos operários e/ou populares)” (Netto,1996:90).

Há ainda algumas características do projeto da pós-modernidade que vão sempre no sentido da inexorabilidade, do efêmero e do fragmentado, mas que principalmente, vêm ganhando adeptos em todos os campos da ciência:

(...) dois temas privilegiados pelo pós-modernismo – o consumo e os jogos de linguagem -, isto é, dois temas do campo da circulação – mercadorias e palavras – rondam os que ainda desejam manter o projeto modernista...(...) Lógica da circulação

em lugar da produção; lógica da comunicação, em lugar do trabalho; lógica da satisfação-insatisfeita em lugar da luta de classes – eis alguns exemplos de como a ideologia pós-moderna passou a determinar o pensamento dos “últimos modernos” (Chauí, 1992: 338-389).

Em suma, os pós-modernos negam todas as referências teóricas das Ciências Sociais construídas na Modernidade e defendem que a razão não explica a realidade. Assim, há um crescimento das religiões como força explicativa dessa realidade, por exemplo, a Espiritualidade (não racional). Nega-se a luta de classes. Fala-se em “modos de vida”, setores, segmentação. Há uma valorização do privado e sucateamento do público, e a justificativa é de que é difícil publicizar. A sociedade (e o sistema capitalista) não tem volta, a sociedade se esgotou. É o fim da história. Assim sintetiza Simionato:

A pós-modernidade representa assim, um novo tipo de hegemonia ideológica nesse estágio do capital globalizado, fundada nas teorias do fragmentário, do efêmero, do descontínuo, que fortalecem a alienação e a reificação do presente, fazendo-nos perder de vista os nexos ontológicos que compõem a realidade social e distanciando-nos cada vez mais da compreensão totalizante da vida social (1999:86).

Todo esse contexto vem processando uma significativa alteração do mercado e do trabalho profissional do assistente social e dos próprios espaços sócio-ocupacionais, pois nas diferentes inserções, os assistentes sociais exercem seu trabalho a partir de determinações históricas e conjunturais. Neste sentido, alteram-se também as atribuições, competências e requisitos de qualificação, com repercussões inclusive na identidade profissional. Segundo Iamamoto:

O mercado profissional de trabalho sofre impactos diretos dessas transformações operadas nas esferas produtiva e estatal (...) O setor público tem sido o maior empregador de assistentes sociais (...) Os assistentes sociais funcionários públicos vêm sofrendo os efeitos da Reforma do Estado no campo do emprego e da precarização das relações de trabalho, tais como a redução dos concursos públicos, demissão dos funcionários não estáveis, contenção salarial, corrida à aposentadoria, falta de incentivo à carreira, terceirização acompanhada de contratação precária, temporária, com perda de direitos, etc (2001b:123-124).

O resultado dessas diversas mudanças é refletido no cotidiano do trabalho profissional. Aumenta-se a seletividade no atendimento dos direitos sociais, verifica-se a perda da qualidade de serviços públicos de educação, saúde, assistência social, entre outros, essenciais para a população. Ao mesmo tempo, devido ao aumento de desempregados e subempregados e a precarização das condições de vida, aumenta-se a demanda pelos serviços sociais públicos.

Ao invés de políticas sociais universalizantes, propõe-se programas focalizados de combate à pobreza que fogem ao controle social por parte da sociedade civil organizada, desenvolvidos muitas vezes pelo chamado terceiro setor. Há um encolhimento dos espaços públicos e um alargamento dos espaços privados também no campo das políticas sociais públicas. Esses são, cada vez mais, locais de trabalho do assistente social:

Nesses novos tempos, em que se constata a retração do Estado no campo das políticas sociais, amplia-se a transferência de responsabilidade para a sociedade civil no campo da prestação de serviços sociais. Esta vem se traduzindo em um *crescimento de parcerias do Estado com Organizações Não-Governamentais* (...) Trata-se de uma *das formas de terceirização da prestação de*



*serviços sociais*, evitando-se a ampliação do quadro de funcionários públicos (Iamamoto, 2001b:126).

Assim, como os convênios realizados entre o poder público e essas ONG's são de caráter temporário e por tempo determinado, as contratações do corpo técnico também o são, flexibilizando as relações de trabalho e alguns direitos conquistados de todos os profissionais, incluindo os assistentes sociais. Conforme Silva:

(...) o mercado de trabalho parece impulsionar, em termos de oportunidades e de condições de exercício profissional, para um deslocamento: - da esfera do Estado para a da sociedade; - do regime de assalariamento para outras formas de trabalho remunerado: autônomas, terceirizadas, associadas, cooperativadas, etc; do emprego estável para o trabalho temporário; (...) do setor formal para informal; (...) da preocupação auto-defensiva com a demarcação de competências para a busca de um perfil polivalente e com formação mais abrangente; da concentração de profissionais no meio urbano para a interiorização da oferta e da demanda em consonância com as estratégias de descentralização e municipalização (1997:13).

Simultaneamente, na complexidade que essas mudanças ocasionam, a pós-modernidade põe à profissão a relação da imediatividade e da fragmentação da vida social. No entanto, o assistente social trabalha no cotidiano com os vários usuários (indivíduos, populações, famílias, grupos, etc) que vivem determinadas situações que não são fragmentadas. Elas expressam as dimensões da vida social em sua totalidade, expressando as relações sociais de uma determinada sociedade num determinado momento da conjuntura social.

Essa aproximação da perspectiva pós-moderna com a profissão pode estar vinculada com o conservadorismo profissional que historicamente busca-se romper:

As opções teórico-metodológicas, sinalizadoras da construção em curso de um projeto profissional crítico, criativo e propositivo, ainda necessitam ser consolidadas, pois as exigências imediatas do mercado de trabalho, que hoje demanda ações e papéis profissionais cada vez mais multifacetados, voltados à eficiência técnica, são indicativos de uma tendência de reaproximação aos paradigmas conservadores (Simionato, 1999:89).

Nesta mesma direção, Netto analisa que “as exigências imediatas do mercado de trabalho (...) vão referenciar *a curto prazo* o debate profissional” (1996:121), sendo esse um dos desafios da profissão, já que grande parte dessas novas demandas de trabalho vão exigir muita criatividade e capacidade dos profissionais, pois muitas vezes são demandas neo-conservadoras que aparecem como “novidade”.

Assim, é necessário refletir os desafios que estão postos à profissão, uma vez que há de um lado o mercado de trabalho, com traços e exigências por vezes conservadores, e de outro um projeto profissional alicerçado na defesa intransigente dos direitos sociais e humanos. Netto analisa duas propostas para a profissão a partir dessa discussão:

Numa ótica neoconservadora, (...) os indicadores empíricos das necessidades de mercado devem ser os determinantes da formação profissional; numa palavra a esta caberia responder ao mercado. Já a perspectiva da direção social estratégica formulada na entrada dos anos noventa não pode contentar-se com a sinalização do mercado de trabalho: deve conectá-la à análise das tendências societárias macroscópicas (o que supõe investimento

na pesquisa da realidade e a apropriação de categorias e procedimentos da teoria social moderna) e aos objetivos e valores do projeto social que privilegia; assim, sua resposta às demandas do mercado tem que contemplar prioridades e alternativas. A resposta direta, pura e simples, instrumental-operativa, às demandas do mercado é o caminho mais rápido para a neutralização dos conteúdos críticos da cultura profissional (1996: 123/124).

Como sintetiza Simionato:

O Serviço Social defronta-se, portanto, com duas perspectivas teóricas distintas: a que compreende a ação profissional como um campo de fragmentos, restrita às demandas do mercado de trabalho, cuja apreensão requer a mobilização de um corpo de conhecimentos e técnicas que não permite extrapolar a aparência dos fenômenos sociais; e, uma outra, que compreende a ação profissional a partir de uma perspectiva de totalidade, de caráter histórico-ontológico, remetendo o particular ao universal e incluindo as determinações objetivas e subjetivas dos processos sociais. Para tal, exige-se um profissional com qualificação teórico-crítica e prático-operativa capaz de intervir sobre e nas demandas imediatas e de construir novas alternativas de ação conectadas aos processos macrossociais que transcendem o horizonte do projeto da pós-modernidade (1999:89).

Esse debate, já sinalizado pelos dois autores, coloca-nos a discussão acerca da formação profissional como possibilidade de aprofundamento da tendência crítica, não apenas durante a graduação, mas num processo de formação profissional que tem rebatimentos concretos na ação profissional, nas respostas e nos resultados do trabalho do assistente social.

## **A pesquisa**

O objeto desta pesquisa é a discussão sobre o projeto ético-político profissional do Serviço Social e a importância do profissional manter-se capacitado para atuar de forma a possibilitar uma ação que tenha como principal referência esse projeto. Mais do que isso, entende-se que a concretização desse projeto está diretamente relacionada com a capacidade da categoria profissional e dos assistentes sociais em buscar espaços capazes de dar materialidade aos valores, compromissos e estratégias políticas expressas nele.

A compreensão é de que para efetivar o projeto profissional hegemônico é necessário incorporá-lo criticamente, já que é na ação profissional, nos diferentes processos de trabalho, que ele poderá ser concretizado. Mas, é necessário também compreender que é nos diversos espaços políticos, acadêmicos e profissionais que os projetos societários articulados a ele estarão em disputa constantemente.

Utilizou-se como umas das referências para identificar os elementos que poderiam contribuir para a apropriação e incorporação desse projeto profissional, e uma maior possibilidade de concretização dele, a participação em espaços políticos, profissionais e da organização da categoria profissional, que são, ao mesmo tempo, espaços de formação, capacitação e reflexão da atuação profissional.

Além destas, uma outra referência da pesquisa era a continuidade da formação, após a graduação, através de cursos diversos e pós-graduação (mestrado, doutorado, especializações), como uma das formas de também socializar o conhecimento acumulado e estar sempre “antenado” com as mudanças da profissão e, principalmente, da

sociedade, assim como a utilização de pesquisas diversas no cotidiano profissional.

Compreende-se que a formação continuada, principalmente para uma atuação profissional articulada com o projeto profissional, não está restrita aos muros da universidade, porque os profissionais podem não querer seguir carreira acadêmica<sup>5</sup>. Assim, entende-se que a participação política em movimentos sociais ou em partidos políticos, por exemplo, poderiam refletir uma capacitação “informal”, que também possibilita reflexões sobre a realidade social, sempre em mudança. Afinal, a direção social defendida no projeto profissional “exige” esta proximidade com os movimentos sociais que compartilham do mesmo projeto de sociedade.

Neste sentido, perguntas referentes à participação política e às formas de acompanhamento do debate profissional atual, do CRESS e das Universidades, que podem ser (e efetivamente tem sido) espaços de socialização e construção do projeto profissional, fizeram parte do roteiro.

Os sujeitos<sup>6</sup> da pesquisa são assistentes sociais que estavam inseridas em algum movimento social, partido político, núcleos de estudo do CRESS, ou que participaram de cursos e seminários específicos da profissão. O critério estabelecido era entrevistar profissionais com atuações em diferentes espaços ocupacionais e diferentes áreas de atuação. Vale dizer que as entrevistas foram realizadas no mês de fevereiro de 2006.

É necessário apontar que, por se tratar de uma pesquisa de campo, o pesquisador tende a buscar respostas conforme sua

---

<sup>5</sup> Por isso, a pesquisa não se restringiu ao Mestrado e Doutorado, cursos *strictu sensu*.

<sup>6</sup> Essa foi a expressão encontrada que menos se adequa ao gênero das entrevistadas, porque todas são mulheres.

indagações, moldando idéias. Mas, os sujeitos são sempre de uma riqueza de informações e reflexões que se torna impossível moldá-los:

O pesquisador é guiado por seu próprio interesse ao procurar um narrador, pois pretende conhecer mais de perto, ou então esclarecer, algo que o preocupa; o narrador, por sua vez, quer transmitir sua experiência, que considera digna de ser conservada e, ao fazê-lo, segue o pendor de sua própria valorização, independente de qualquer desejo de auxiliar o pesquisador (Queiroz, S/d:274).

Buscou-se romper com isso e, portanto, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi a criação de um roteiro de entrevista semi-estruturado, tentando estabelecer um diálogo reflexivo com os sujeitos da pesquisa. Tal roteiro orientou pressupostos e elementos a serem abordados sem “aprisionar” a entrevista. Foi possível captar reflexões e falas, lembranças, históricos e histórias da vida profissional dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Utilizou-se também de um “diário de campo”, no qual se registrou todo o processo da realização das entrevistas, que poderiam compor depois a análise de dados.

O roteiro de entrevista tinha por objetivos:

- conhecer os sujeitos da pesquisa quanto à época de formação na graduação e a continuidade ou não de sua formação;
- levantar a percepção do entrevistado quanto aos usuários dos serviços e sobre a própria profissão de Serviço Social;
- compreender o entendimento do projeto ético-político e da formação profissional, assim como a percepção sobre a capacitação continuada;

- identificar como os sujeitos fazem para conhecer a realidade e tentar dar respostas a ela;
- levantar a percepção dos entrevistados sobre a participação cidadã e política;
- identificar como se dá o acompanhamento com o debate profissional e com as mudanças da profissão;
- levantar, se ocorre, e como, a utilização de pesquisas na ação profissional dos entrevistados;

A análise dos dados foi qualitativa. Construiu-se categorias de análise a partir dos dados coletados nas entrevistas, bem como daqueles retirados do “diário de campo”, ou seja, verificou-se padrões e características que permitiam a criação de categorias analíticas. No entanto, é importante dizer que

(...) análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca (Queiroz, s/d: 274).

Optou-se em gravar todas as entrevistas, garantindo assim a fidelidade das informações fornecidas pelos entrevistados e a riqueza do momento da entrevista, que por vezes não são expressas pela fala, e sim pelo silêncio, na pausa para refletir, nas risadas... Elaborou-se, também, um “Termo de Consentimento”, em anexo, que foi lido no início de cada uma das entrevistas e assinado pelas duas partes (entrevistado e entrevistador), no qual eram esclarecidos o objetivo da pesquisa e as condições de sua realização.

Por fim, ao final de cada entrevista, já com o gravador desligado, foi proposto uma avaliação para cada um dos entrevistados, que eram anotadas depois no “diário de campo”. Esse recurso foi muito positivo, pois se conseguiu obter retornos referentes ao processo da entrevista e quanto aos objetivos.

Tendo como referência essa temática, optou-se em iniciar com um entendimento sobre a profissão. No primeiro capítulo definiu-se primeiramente qual a concepção de profissão adotada: uma especialização do trabalho coletivo, inscrito na divisão social e técnica do trabalho, sendo que os profissionais participam enquanto trabalhadores em diferentes processos de trabalho, processos estes que integram a reprodução social. Esta mesma perspectiva reconhece o caráter contraditório do exercício profissional, configurado pela inserção deste trabalho num campo mediado por interesses contraditórios, condição primeira para entender a profissão sem cair numa visão fatalista/pragmática ou messiânica/voluntarista, sendo necessário assim entender esta profissão no interior da sociedade capitalista, cujo caráter das relações é contraditório e antagônico.

Após, afirma-se a compreensão sobre a formação profissional, aqui entendida como um processo que não se esgota com a conclusão da graduação, mas como algo mais amplo, pois esse projeto profissional “exige” uma atualização/capacitação profissional para decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano, discussão que é parte do segundo capítulo, no qual são apresentadas também duas experiências de capacitação continuada.

Tal discussão pauta-se no entendimento de que um dos elementos para efetivar o projeto profissional hegemônico é sua incorporação crítica, já que é na ação profissional, nos diferentes processos de trabalho, que



ele poderá ser concretizado. Optou-se em pesquisar assistentes sociais que atuam em áreas diversificadas e que possuem participações em espaços diferentes. A análise das entrevistas e as sugestões e problematizações decorrentes das mesmas constam no terceiro capítulo. Por último, são realizadas algumas considerações gerais.

**SERVIÇO SOCIAL: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE**

Renascerão as cidades submersas?  
Os homens submersos-voltarão?  
Meu coração não sabe.  
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.  
Só agora descubro  
como é triste ignorar certas coisas.  
(Na solidão de indivíduo  
desaprendi a linguagem  
com que homens se comunicam).

Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.  
Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar,  
ilhas sem problemas, não obstante  
exaustivas e convocando ao suicídio.

Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
que o mundo, o grande mundo está  
crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.  
Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.  
-ó, vida futura! Nós te criaremos.

(Trecho do poema: Mundo Grande - Carlos Drummond de Andrade)

## **Capítulo I – Serviço Social: elementos para a análise**

Antes de aprofundar a concepção de profissão adotada, é necessário colocar as bases teórico-filosóficas da análise, que é marcadamente materialista-histórico-dialética<sup>7</sup>. Isso significa que toda a reflexão tem como pressuposto a análise e apreensão da profissão a partir do entendimento da lógica das determinações estruturais da sociedade, entendendo as particularidades da conjuntura atual. A realidade é entendida num movimento incessante, onde a história é construída cotidianamente e onde estão as bases (materiais, sociais, políticas) para qualquer transformação.

### **1- Significado sócio-histórico da intervenção profissional**

*“O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”<sup>8</sup>.*

Carlos Drummond de Andrade

O Serviço Social é aqui entendido como especialização do trabalho coletivo, inscrito na divisão social e técnica do trabalho<sup>9</sup>, ou seja, uma profissão considerada como produto social e histórico, socialmente demandada, e que, portanto, atende a necessidades sociais. Um tipo de trabalho que se constitui como demanda histórica da sociedade capitalista e, como tal, participa e é determinada pelas mudanças do mundo do trabalho e da sociedade capitalista.

É uma profissão que tem em suas determinações as respostas socialmente construídas, especialmente pelas classes dominantes, às

---

<sup>7</sup> Conforme Ianni: “os fundamentos da reflexão dialética que Marx desenvolve, com o seu forte compromisso histórico, com o seu forte compromisso com o real”. (1984:94)

<sup>8</sup> Trecho do poema: Mãos Dadas.

<sup>9</sup> Cf. defesa de IAMAMOTO, Marilda Vilela e CARVALHO, Raul. *“Relações Sociais e Serviço Social no Brasil”*. São Paulo, Cortez/celats, 1998.

expressões da “questão social”, resultantes da desigualdade cada vez maior na apropriação da riqueza socialmente produzida, que se expressa de diferentes formas: violência, desemprego, miséria, etc., e, mais do que isso, é entre estas expressões e a resistência a elas que o assistente social trabalha no seu cotidiano profissional, na luta incessante (entre as classes) pela apropriação da riqueza socialmente produzida.

Deve ser pensada como profissão componente da sociedade capitalista e, como tal, a atuação do assistente social é polarizada pelos interesses das duas classes, que são sempre inconciliáveis e antagônicos. O Serviço Social

Reproduz também, pela mesma atividade, interesses contrapostos que convivem em tensão. Responde tanto a demandas do capital como do trabalho, e só pode fortalecer um ou outro pólo pela mediação de seu oposto. Participa tanto dos mecanismos de dominação e exploração como, ao mesmo tempo e pela mesma atividade, da resposta às necessidades de sobrevivência da classe trabalhadora e da reprodução do antagonismo desses interesses sociais, reforçando as contradições que constituem o motor básico da história (Iamamoto, 2000:99).

O Estado, por sua vez, ao realizar as políticas sociais com a contribuição do conjunto da sociedade, através do pagamento dos impostos, socializa os custos da reprodução da força-de-trabalho e, simultaneamente, abre uma parcela para o mercado, criando setores para o capital privado<sup>10</sup>, ou seja, garante os interesses de ambas as classes<sup>11</sup>. Assim, os serviços sociais atendem à parcela das necessidades de

---

<sup>10</sup> Como exemplo, pode-se citar o setor de construção civil, como as empreiteiras de obras que entram em “licitações” para construir escolas, creches, postos de saúde, etc., além de pavimentações. Assim também é a área de limpeza urbana e transporte coletivo.

<sup>11</sup> É importante destacar que, conforme discutido na introdução, o Estado está cada vez mais remetendo este papel para a sociedade civil e para o chamado “terceiro setor”. No entanto, ainda tem um papel no desenvolvimento das políticas sociais. Obviamente que este atende muito mais aos interesses dos donos do capital.

reprodução da classe trabalhadora e atende aos interesses dos proprietários do capital, que também desejam a reprodução da força de trabalho.

Importante enfatizar que o assistente social atua num “campo de mediação”, no espaço de convergência e de contradições, que é a própria sociedade. O caráter contraditório do exercício profissional é configurado pela inserção deste trabalho nesse campo mediado por interesses contraditórios.

Entender esse caráter contraditório da profissão é fundamental para romper com o fatalismo/pragmatismo (visão determinista da sociedade) ou messianismo/voluntarista (visão heróica da profissão), pois ambos são distorções dos processos sociais e históricos que não reconhecem a realidade do mercado de trabalho. Na verdade, é necessário refletir na perspectiva de totalidade. Como aborda Raichelis:

A presença marcante de tendências deterministas e voluntaristas no interior do meio profissional tem levado a que as respostas profissionais ratifiquem e reafirmem o caráter assistencialista da prática profissional. O pragmatismo, o imediatismo, a dificuldade de formulação de novas alternativas de ação tem contribuído para reiterar posturas ingênuas, desprovidas da compreensão das bases históricas que explicam o construir-se dessa profissão e do próprio movimento social (1991:103).

Através da compreensão desse caráter contraditório o profissional pode fortalecer uma ou outra classe, mas sempre nessa relação de contradição em que a outra também se beneficiará de alguma forma, pois não dá para excluir das ações os interesses de uma das classes, já que elas se inter-relacionam.

A profissão de Serviço Social também tem que ser analisada sob dois ângulos indissociáveis entre si: de um lado as condições societárias que estabelecem o terreno sócio-histórico onde se realiza a profissão, que vai além da vontade individual de cada um de seus agentes; de outro, as respostas dos assistentes sociais a esse contexto. Nas palavras de Raichelis:

(...) ao mesmo tempo em que o serviço social se desenvolve como atividade socialmente determinada pela divisão social e técnica do trabalho, ele é, também, simultaneamente, o resultado da prática coletiva de seus agentes profissionais. Prática essa orientada pelas concepções, intenções, expectativas e discursos que os assistentes sociais coletivamente constroem para legitimar sua própria existência como profissão na sociedade. (...) é preciso apreender a profissão no seu duplo aspecto: do discurso profissional que expressa a vontade e a intencionalidade de cada um dos assistentes sociais e dos efeitos sociais concretos que esta prática coletiva produz e reproduz, dimensões estas nem sempre coerentes entre si (1991:99).

Esta dupla dimensão da atividade profissional – como atividade vivida e representada pela consciência do assistente social e como atividade socialmente determinada (como existe) - é uma unidade contraditória. Na verdade, a realidade objetiva é contraditória, já que nos referimos a uma sociedade capitalista. Assim, o resultado da ação concreta é determinado pela condição objetiva e pelas escolhas dos agentes profissionais, que podem ser críticas ou não.

O profissional encontrará limites dentro da conjuntura social e histórica, mas com a possibilidade de apreendê-la criticamente criando alternativas e possibilidades. Ou seja, esse caráter contraditório da profissão coloca limites e possibilidades para a ação profissional.

## 2. A condição de assalariamento.

*“Ó que lance extraordinário:  
aumentou o meu salário  
e o custo de vida, vário,  
muito acima do ordinário,  
por milagre monetário  
deu um salto planetário.  
Não entendo o noticiário.  
Sou um simples operário”<sup>12</sup>.*

Carlos Drummond de Andrade

O Serviço Social é regulamentado como uma profissão liberal<sup>13</sup>, e por isso “dispõe de algumas características típicas de uma profissão liberal: a existência de uma *relativa autonomia*, por parte do assistente social, quanto à forma de condução de seu atendimento junto a indivíduos e/ou grupos sociais com os quais trabalha, o que requer o *compromisso com valores e princípios éticos norteadores da ação profissional, explicitados no Código de Ética Profissional*”(Iamamoto, 2001b:96). No entanto, um dos limites concretos para o exercício profissional é que a sua inserção no mercado profissional tem como principal característica a venda da força de trabalho e a condição de assalariamento, já que sua inserção está direta e historicamente ligada à incorporação de seu trabalho pelas instituições (públicas ou privadas).

Esta condição, a de assalariamento, implica num conjunto de rebatimentos para os profissionais, pois enquanto assalariados todos são subordinados ao mercado de trabalho e às suas exigências. Mais do que isso, a venda da força de trabalho está atrelada à prestação de um serviço, que possibilita essa relação de compra e venda dessa força de trabalho especializada.

---

<sup>12</sup> Trecho do poema: Salário, de Carlos Drummond de Andrade.

<sup>13</sup> Cf. Lei n. 8.662 de 7 de junho de 1993 (*Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências*).

Isso requer pensar não o Serviço Social isoladamente, mas o desempenho profissional num conjunto de relações sociais, num conjunto de determinações sociais que moldam, estruturam e balizam a autonomia e as possibilidades de trabalho.

Neste sentido, as várias mudanças processadas na sociedade configuram redefinições do papel, das demandas e das atribuições do assistente social, assim como coloca modalidades de contratação precarizadas (trabalho terceirizado, contratos temporários, baixa remuneração, sem garantias trabalhistas, etc<sup>14</sup>).

Há ainda, atualmente, uma mudança nas funções a serem desenvolvidas pelos assistentes sociais, que tradicionalmente estavam na linha de frente da implementação das políticas sociais, ou, conforme expressão de Netto (1992), eram “executores terminais de políticas sociais” e hoje são chamados a trabalhar nos níveis de planejamento, assessoria, coordenação e representação.

Assim, o Serviço Social neste contexto, não por vontade dos profissionais, mas em função da reorganização das relações de trabalho, seja no Estado, seja na esfera privada, vêm sofrendo ampla reestruturação das suas funções, das suas competências. Hoje, além da citada execução, os assistentes sociais são chamados a atuar na esfera da formulação e avaliação das políticas sociais, do planejamento e gestão dessas políticas.

Uma das outras determinações que devem ser relacionadas ao falarmos sobre o Serviço Social, é que, como esta profissão está inserida em diferentes campos de trabalho, em diferentes espaços sócio-

---

<sup>14</sup> Lembre-se do aumento da participação das ONGs e o chamado “terceiro setor” na execução das políticas sociais onde são realizadas contratações dessa natureza, como já citado anteriormente.



ocupacionais, possui conseqüentemente diferentes empregadores (Estado, empresas privadas, movimentos sociais, Organizações não-Governamentais, etc.) e também formas diferentes de estruturação e organização do trabalho.

É importante ter claro que quem organiza o processo de trabalho, no qual o assistente social se insere como um dos trabalhadores especializados, são os empregadores. Eles definem as atribuições do assistente social, a hierarquia, a jornada de trabalho, o salário, enfim, todo o processo de trabalho do assistente social e dos demais trabalhadores. Mais do que isso, os meios de trabalho, as condições de trabalho materiais, burocráticas, financeiras, o suporte técnico, quem fornece é a instituição. Então, tais empregadores organizam este trabalho de acordo com suas necessidades, de acordo com a legitimidade da profissão no mercado de trabalho.

Essa característica impacta no resultado da ação concreta do trabalho do assistente social. Quando está inserida na esfera pública, através da viabilização dos Serviços Sociais e das políticas sociais, a profissão contribui para a reprodução da força de trabalho, para a viabilização das condições de vida da população no acesso a seus direitos. No entanto, quando a atuação ocorre numa empresa privada, o trabalho do assistente social também tem ingresso no circuito da lucratividade, da rentabilidade, da produtividade.

No entanto, voltamos novamente à reflexão sobre a unidade contraditória da profissão: como atividade socialmente determinada e demandada e como atividade vivida pelos agentes profissionais, pois a realização do trabalho está relacionada com os projetos que a profissão desenvolve e constrói, da competência teórica-metodológica, ético-política e técnica-profissional.

### 3- A construção de um projeto profissional.

“quero escrever-me de homens  
quero calçar-me de terra  
quero ser a estrada marinha  
que prossegue depois do último caminho  
e quando ficar sem mim  
não tereri escrito senão por vós  
irmãos de um sonho  
por vós  
que não sereis derrotados”<sup>15</sup>.

Mia Couto

Antes de refletir sobre a construção do projeto ético-político profissional do Serviço Social, hoje hegemônico na categoria, faz-se necessário aprofundar o conceito de *projetos profissionais* na atual sociedade.

Os projetos são “uma antecipação ideal da *finalidade* que se quer alcançar, com a invocação dos *valores* que a legitimam e a escolha dos *meios* para atingi-la” (Netto,1999:93), mas, acima de tudo, uma ação humana, sempre orientada por interesses, necessidades e objetivos.

O conjunto da categoria profissional constrói projetos profissionais que

(...) apresentam a auto-imagem da profissão, elegem valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam os seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, institucionais e práticos) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as balizas da sua relação com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais (Netto, 1999:95).

---

<sup>15</sup> Trecho do poema: Companheiros

Esses projetos profissionais têm sempre relação com um projeto de sociedade, já que ao eleger valores, articula-se com uma determinada concepção de homem e de mundo. Um projeto profissional tem sempre uma projeção de sociedade, por isso está intrinsecamente ligado à projetos societários.

Na nossa sociedade, há vários projetos societários em confronto, e a categoria profissional tem que se posicionar e buscar formas de imprimir a direção social defendida, pois tem um compromisso político com os valores e princípios defendidos, baseados numa determinada concepção de homem e sociedade.

Essa concepção de homem e mundo está fundada teoricamente na teoria social de Marx, que “apreende dialeticamente a realidade em seu movimento contraditório. Movimento no qual e através do qual se engendram, como totalidade, as relações sociais que configuram a sociedade capitalista” (Yazbek, 1999a:26)<sup>16</sup>.

Essa visão de homem e de mundo determina a direção social das ações, portanto, a ação profissional não é neutra, ela legitima e concretiza valores, já que sempre está articulada com valores e princípios que, por sua vez, são humanos e históricos (e não abstratos), e construídos numa correspondência histórica com os interesses divergentes em relação na sociedade.

Esta é a dimensão política de todos os projetos coletivos (societários, profissionais, etc.), que imprime exatamente uma intencionalidade e a percepção de que os projetos são sempre de

---

<sup>16</sup> Este referencial teórico-metodológico dá base para todo o projeto profissional, expresso também nas diretrizes curriculares, na Lei de Regulamentação da profissão e no Código de Ética Profissional.

“classe”, dada a sociedade capitalista em que vivemos. Assim, os projetos profissionais também são alterados de acordo com a realidade histórica.

O atual projeto profissional ético-político foi (e está sendo) construído a partir de uma análise crítica da história social e profissional. Expressa a perspectiva hegemônica impressa ao Serviço Social brasileiro e está fundado nas reais condições sociais em que se materializa a profissão.

Conforme as análises de Netto (1999), é na década de 80 que estão inseridas as possibilidades de construir um novo projeto profissional do Serviço Social, possibilitada também pela condição política desta época: a crise (derrota) da ditadura e a “redemocratização” da sociedade brasileira, onde se tornou viável a disputa e a defesa entre os diferentes projetos societários e a vinculação dos profissionais com os movimentos sociais que estavam efervescendo na sociedade naquele momento histórico, tendo relação também com as conquistas de direitos cívicos e sociais que acompanharam tal restauração democrática<sup>17</sup>.

Esse projeto profissional hegemônico do Serviço Social é um projeto ético e político, que caracteriza um “dever ser” da profissão, uma projeção de sociedade que ela busca efetivar:

(...) o projeto profissional vincula-se a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero (Netto, 1999:105).

---

<sup>17</sup> Além das condições políticas, consolidou-se no Serviço Social a pós-graduação e a conseqüente produção de conhecimento relacionado também com as vertentes teóricas críticas, que rompiam com o conservadorismo profissional. Ver a respeito: Marilda IAMAMOTO e Raul de CARVALHO: “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil”. São Paulo, Cortez/celats, 1998.

Entretanto, apesar desse projeto ter sido construído “*por um sujeito coletivo (...) os profissionais em atividade, as instituições que os formam, os pesquisadores, docentes e estudantes da área (...)*” (Netto, 1999:95) e representar uma direção política e social defendida pelas entidades de representação da categoria profissional, não significa que consiga garantir a adesão de toda a categoria.

A hegemonia é construída num espaço plural, uma vez que na categoria profissional estão presentes projetos individuais e societários diferentes<sup>18</sup> e que ela própria também é “um campo de tensões e de lutas”. Então, a hegemonia não significa exclusividade.

Para Netto, o projeto é ético e político porque a “*valoração ética atravessa o projeto profissional como um todo*” e não se limita a “*normatizações morais e/ou prescrições de direitos e deveres, mas envolvem escolhas teóricas, ideológicas e políticas*”(1999:98):

(...) a contemporânea designação dos projetos profissionais como *projetos ético-políticos* revela toda a sua razão de ser: uma indicação ética só adquire efetividade histórico-concreta quando se combina com uma direção político-profissional (Netto, 1999:99).

Esse projeto profissional do Serviço Social brasileiro acabou formulando em seu projeto uma direção que colide com a perspectiva de hegemonia do grande capital expresso na política neoliberal, hoje hegemônica política e socialmente. Isso porque os princípios e valores<sup>19</sup>, como já citado, se relacionam diretamente com a “*construção de uma nova ordem social*”. Nas palavras de Yamamoto:

---

<sup>18</sup> Nas palavras de NETTO: “*uma categoria profissional jamais é um bloco identitário ou homogêneo*” (1996:116).

<sup>19</sup> Para aprofundar: CFESS “Código de Ética do Assistente Social”.

(...) somos teimosos em afirmar o reconhecimento da *liberdade como valor central ético, o que implica desenvolver o trabalho profissional de modo a reconhecer a autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, reforçando princípios e práticas democráticas*. Aquele reconhecimento desdobra-se na *defesa intransigente dos direitos humanos*, o que tem como contrapartida a recusa do arbítrio e de todos os tipos de autoritarismos. Envolve o *empenho na eliminação de todas as formas de preconceito*, afirmando-se o direito à participação dos grupos socialmente discriminados e o respeito às diferenças (1999:125).

Tais princípios e valores são fundamentais para orientar as ações, mas não são suficientes. Não basta ter consciência para mudar a sociedade, é necessário concretizar os valores, legitimando-os. Assim, não basta eleger valores para ocasionar mudanças, pois apesar deles serem portadores de transformações, é necessário estratégias para conduzi-las. Por isso deve existir a articulação da dimensão ética e política:

A práxis política emerge como espaço privilegiado para tornar possível a realização dos valores éticos eleitos, através da superação de obstáculos e viabilização de novas alternativas para a vida social. Neste sentido, ela é entendida como uma forma coletiva de responder aos conflitos sociais, seja para a sua manutenção ou superação (Nepedh, 2002:3).

Os princípios e valores também devem estar articulados com a competência teórico-metodológica, capacidade de desvendar os processos sociais, e técnico-operativa<sup>20</sup>, que juntas com a competência

---

<sup>20</sup> A utilização e o reconhecimento de instrumentos profissionais como o conhecimento, a participação na realidade social (cívica e política), a interdisciplinariedade, o questionamento crítico da realidade, o vínculo com o campo universal e com as particularidades, para romper com a manutenção do sistema e da reprodução

ético-política, devem fazer parte de todas as discussões como uma unidade, pois corre-se o risco de discutir os assuntos sobre um prisma apenas tecnicista, teoricista ou politicista, tendências cheias de equívocos porque não reconhecem a totalidade social e as várias dimensões profissionais.

É importante ressaltar que o projeto profissional, mesmo tendo uma direção social hegemônica, defende o pluralismo teórico e profissional, na medida em que este pluralismo se coloque no campo da defesa dos direitos e da democracia, mas o respeito a este pluralismo é um princípio democrático que não impede a luta e debate de idéias.

Este projeto profissional vai na “contra-corrente” do modelo de sociedade que vem sendo legitimado e por isso, torna-se necessário a organização da categoria e a vinculação com os movimentos sociais (ligados aos interesses da classe trabalhadora), visando buscar uma legitimidade da profissão na perspectiva de classes. A ideologia neoliberal dominante se expressa de forma devastadora, e o projeto ético-político (que aponta para outra sociedade) precisa articular-se e ganhar força e visibilidade, inclusive entre os profissionais, para ser efetivado.

Esta mesma sociedade, regrada pela perspectiva neoliberal, marcada por várias formas de alienação e pelo aprofundamento do individualismo, dificulta para muitos profissionais uma consciência coletiva (entender-se como participante da história da profissão e da sociedade) e a compreensão da direção social legitimada por sua atividade profissional, que ou reproduz, ou tenta romper com a lógica do sistema capitalista, mas que nunca é neutra.

---

social. Precisa-se conceber e efetivar procedimentos da atividade profissional que dão respostas tendo em vista que os usuários dos serviços são “cidadãos de direitos”.

Tais profissionais, por sua vez, precisam se reconhecer enquanto classe trabalhadora, para facilitar assim a necessária vinculação com os movimentos sociais, principalmente na atual conjuntura em que a discussão de “classes” é considerada irrelevante e ultrapassada<sup>21</sup>. É importante integrar-se com os movimentos pela mundialização das lutas sociais, já que as possibilidades de construção de uma nova sociabilidade estão no movimento mais amplo da sociedade.

O aprofundamento deste projeto profissional, e do projeto social ao qual se vincula, depende “da vontade majoritária da categoria profissional (...) e do revigoramento do movimento democrático e popular” (Netto, 1999:107).

Um dos desafios postos hoje para a categoria profissional é a de manter as conquistas e avanços desse projeto profissional, pois apesar das adversidades da atual conjuntura, é no cotidiano do trabalho que estão as possibilidades de construir alternativas coerentes com ele, ou seja, materializá-lo, articulando os avanços teórico-metodológicos e éticos acumulados durante as décadas. Para isso, também é necessário

Uma tomada de posição ética e política que se insurja contra os processos de alienação vinculados à lógica contemporânea, impulsionando-nos a dimensionar nosso processo de trabalho na busca de romper com a dependência, subordinação, despolitização, construção de apatias que se institucionalizam e se expressam em nosso cotidiano de trabalho (ABEPSS, 2004:79).

Exige-se uma ampliação da organização da categoria e um investimento no aprimoramento profissional, em sua totalidade: nos

---

<sup>21</sup> Que são os rebatimentos do pensamento pós-moderno, conforme destacado na introdução.



aspectos técnico-operativos, teórico-metodológicos e ético-políticos, pois é fundamental reconhecer as forças sociais que polarizam hoje esse projeto, e os projetos societários em disputa. Esses são temas do próximo capítulo.

**A ARTICULAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO  
PROFISSIONAL**

**Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.**

(Trecho do poema: Tecendo a Manhã– Murilo Mendes)

## **Capítulo II – A articulação entre formação e atuação profissional**

Para iniciar a discussão acerca da formação profissional, aqui entendida como um processo que não se esgota com a conclusão da graduação, serão retomadas e indicadas as bases do projeto de formação profissional hoje defendidas nas diretrizes curriculares<sup>22</sup>, aprovadas pelo MEC<sup>23</sup>, e expressas também pelas entidades da categoria profissional: ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social), pelo conjunto CFESS/CRESS (Conselho Federal de Serviço Social e Conselhos Regionais de Serviço Social) e entidades estudantis, como a ENESSO (Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social).

O atual projeto de formação profissional para a graduação de Serviço Social consolida a direção social defendida já na revisão curricular de 1982<sup>24</sup>, considerada um marco na profissão, pois representa o projeto de ruptura com o conservadorismo, e dá base para o atual projeto ético-político profissional. Por isso, o currículo de 1982 é “ponto de partida para repensar o processo de formação profissional sob os impactos das transformações sociais recentes na realidade brasileira” (Koike, 1999: 109).

Conforme Koike o currículo de 1982

---

<sup>22</sup> Conforme Koike: “(...) coletivamente elaboradas no período 94/96, depois de aprovadas em assembléia geral das unidades de ensino, as diretrizes foram encaminhadas à Secretaria de Educação Superior (Sesu) do Ministério da Educação (...)” (1999: 103)

<sup>23</sup> Conforme parecer do Ministério da Educação e da Cultura nºCNE/CSE 492/2001, aprovado em 03 de abril de 2001 e homologado em 04 de julho de 2001, divulgado no Diário Oficial nº131 – seção I de 9 de julho de 2001.

<sup>24</sup> “(...) O projeto curricular de 1982 (...) é uma das expressões mais significativas do processo de renovação da formação profissional nos últimos 20 anos. Esse processo é retratado na produção teórica do Serviço Social, na organização política da categoria, nas reflexões éticas, na ampliação das pesquisas e nas mudanças operadas no próprio exercício profissional”. In ABESS, “Proposta Básica para o Projeto de Formação Profissional”.

(...) inaugura uma direção social fundada no paradigma da Teoria Social Crítica, cujas categorias teóricas e método de conhecimento indicam uma ruptura com as fontes tradicionais da profissão. Baseia-se numa nova e fecunda perspectiva teórico-prática atribuída ao Serviço Social, respaldada no caráter da profissão como produto histórico. (...) Trata-se, portanto, da Direção Social Estratégica<sup>25</sup> em (permanente) construção pelos profissionais de Serviço Social (1999:109).

No entanto, com as diversas mudanças conjunturais ocorridas no interior da sociedade, durante as décadas de 80 e 90, a profissão teve que “repensar” seu projeto de formação, redimensionando-o frente às novas exigências, de modo a garantir sua atualidade. Mas não rompeu totalmente com o currículo existente, uma vez que este representou uma ruptura com o projeto conservador na profissão.

Conforme documento da ABESS, o eixo da formação profissional atual é “a vinculação entre a profissão e as novas configurações da questão social, apreendida no interior do processo de reprodução da relação entre capital e trabalho. O trabalho emerge, assim, como o elemento central da realidade social como componente constitutivo da prática profissional, que deixa de ser tratada como uma prática social abstrata, para configurar-se como trabalho profissional”. (1996:149)

Assim, as diretrizes curriculares, que representam esse projeto de formação profissional construído na década de 90, consoante com o projeto ético-político hegemônico, foram estabelecidas com as seguintes metas e objetivos<sup>26</sup>:

---

<sup>25</sup> Conforme a autora explica em rodapé: “expressa o projeto ético-político da profissão definindo sua vinculação com a sociedade. Refere-se, portanto, ao significado sócio-histórico que a categoria profissional atribui à profissão”.

<sup>26</sup> Cf.: Marieta KOIKE (1999) In “As novas exigências teóricas, metodológicas e operacionais da formação profissional na contemporaneidade”, p. 113; Currículo do Curso de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP (1998); Documento da ABESS “Proposta Básica para o Projeto de Formação Profissional” In Revista Serviço Social e Sociedade n.º 50, abril de 1996.

- Inserir a formação no movimento contemporâneo da realidade brasileira, o que se expressa na aproximação às condições de vida e de trabalho das classes subalternas e de suas formas de organização e de resistência;
- Sedimentar o exercício profissional na perspectiva de fortalecer a Direção Social Estratégica inaugurada com o Currículo de 1982, reafirmada com o Código de Ética de 1993, a Lei de Regulamentação da Profissão (8.662/93) e com as práticas políticas vivenciadas pela categoria.
- Desenvolver pesquisas acerca dos processos sociais que tecem o cenário da sociedade brasileira, articulando tanto suas determinações gerais como suas expressões particulares e singulares;
- Avançar nas pesquisas sobre as situações concretas com as quais trabalha o Serviço Social, tanto para compreendê-las, como para formular respostas e alternativas profissionais enraizadas na realidade e capazes de acionar as possibilidades nela contidas;
- Incentivar a capacitação teórico-metodológica que permita uma apreensão crítica do processo histórico como totalidade, reproduzindo o movimento real em suas manifestações universais, particulares e singulares, em seus componentes de objetividade e subjetividade, em suas dimensões econômicas, políticas, éticas e culturais, fundamentado em categorias emanadas da adoção de uma teoria social crítica.

Conforme expresso nestes principais objetivos e metas, o que se busca com a formação profissional dos assistentes sociais é um afinamento com a complexidade da vida em sociedade.

Esse projeto de formação profissional tem como principal característica sua relação direta com a realidade social brasileira e todas

as suas mudanças, entendendo-as sempre como expressões das relações sociais capitalistas. Como sintetiza o documento da ABESS, definidor dessa proposta de formação profissional:

(...) a perspectiva fundante da formação profissional é um rigoroso trato teórico, histórico e metodológico da realidade social. Sua hipótese é a adoção de uma teoria social crítica e de um método que permita a apreensão do singular como expressão da totalidade social. É a historização do movimento da realidade que permite perceber as tendências do real. A implicação dessa formulação é problematizar a sociedade capitalista do ponto de vista da reprodução social, qualificando a unidade da produção material e da reprodução das relações sociais (ABESS,1996:166).

No entanto, tratando-se especificamente da formação de assistentes sociais, deve-se ter claro o tipo de formação que se quer, já que isso influenciará a visão de homem e de sociedade, e de ação profissional, que os futuros profissionais terão.

A visão de homem e de mundo influenciará a ação dos vários profissionais de outras profissões. Mas, é importante enfatizar que isso ganha um maior peso no Serviço Social na medida em que esta profissão está inserida e participa do processo de reprodução social da sociedade capitalista, tencionado pela luta de classes, e que, portanto, participa da reprodução dos antagonismos de classe, tendo como referência uma direção social estratégica que se pretende legitimar.

#### Na formação profissional

O que se põe em discussão é o próprio perfil do assistente social que se pretende assegurar: um *técnico* treinado para intervir num

campo de ação determinado com a máxima eficácia operativa ou um *intelectual* que, habilitado para operar numa área particular, compreende o sentido social da operação e a significância da área no conjunto da problemática social. (...) Em resumo confrontam-se dois “paradigmas” de profissional: o técnico bem adestrado que vai operar instrumentalmente sobre as demandas do mercado de trabalho *tal como elas se apresentam* ou o intelectual que, com qualificação operativa, vai intervir sobre aquelas demandas a partir da sua *compreensão teórico-crítica*, identificando a significação, os limites e as alternativas da ação focalizada (Netto, 1996: 126).

No entanto, além desses dois “paradigmas” que orientam a formação, a discussão em torno dessa formação profissional deve abranger não apenas os estudantes que ingressaram ou estão na graduação, uma vez que entende-se que a formação é um processo inacabado e que está diretamente articulada com a atuação profissional:

(...) a curto prazo o problema da formação profissional não pode continuar se colocando mais como restrito à preparação das novas gerações profissionais: *tem que incluir os milhares de assistentes sociais já diplomados* e que se vêem fortemente pressionados pelas constrições do mercado de trabalho (Netto, 1996:125).

Para garantir um processo de formação que atenda ao segundo paradigma, o ‘intelectual’, é necessário a permanente qualificação profissional, seja daqueles que já estão no mercado, seja daqueles que são recém-formados, ou melhor, recém saídos da graduação. Conforme analisa Serra:

(...) a profissão, no seu conjunto, não está instrumentalizada para responder às atuais exigências, nem para disputar o mercado com

outras profissões, sem submeter-se a um processo interno rigoroso de capacitação que a sintonize com o mercado numa perspectiva crítica de intervenção (2000:167).

## 1 – A relação indissociável entre formação e atuação profissional

*“É mais fácil cultuar os mortos que os vivos  
Mais fácil viver de sombras que de sóis  
É mais fácil mimeografar o passado  
Que imprimir o futuro”<sup>27</sup>.*

Zeca Baleiro

A formação profissional deve ser entendida como um **processo** inacabado, que jamais se esgotaria na graduação, até porque, como já indicado no primeiro capítulo, a profissão acompanha e está intrinsecamente ligada à realidade social, que mudando, muda também o conjunto de relações da sociedade. Nas palavras de Freire:

A formação não é ou não deveria ser episódica. Formação é permanente porque é indispensável e é indispensável na medida mesma em que estamos inseridos em um mundo que é inacabado e no qual interferimos (...) o processo formador, que é um processo permanente, está submetido ao tempo e ao espaço, implica em conhecer e reconhecer a realidade em que se quer mudar (1992:45).

Isso não quer dizer que a formação permanente seja necessariamente acadêmica, interna aos muros da universidade, mas essa relação é importante<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Trecho da música: “Minha Casa”, Zeca Baleiro.

<sup>28</sup> Nas palavras de Freire: “Naturalmente, a formação, enquanto permanente, não se reduz a uma estrita análise da prática. Para bem fazer essa análise é preciso se instrumentar teoricamente. Trata-se de um ir-e-vir, de um enriquecimento teórico testando-se sempre com a prática”. (1992:46)



Os assistentes sociais, como um dos profissionais que intervêm na realidade social, precisam estar “atenados” com as diversas mudanças que ocorrem nesta realidade e essa ligação com a realidade social pode se dar com a inserção em movimentos sociais, por exemplo (que vão na mesma direção do projeto profissional defendido).

Quando pensamos a profissão numa perspectiva teórico-crítica, temos que refletir sobre a necessidade da atualização/capacitação profissional para decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Segundo Iamamoto:

(...) as possibilidades estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas profissionais. Cabe aos profissionais apropriarem-se dessas possibilidades e, como sujeitos, desenvolvê-las transformando-as em projetos e frentes de trabalho (2001b:21).

Neste sentido, o profissional precisa **conhecer** profundamente as necessidades e demandas efetivas da população que atende, para, após, propor ações que vão ao encontro dessas demandas. Deve-se romper com propostas prontas de ação, com respostas não criativas e, por vezes, burocráticas e reiteradoras da situação apresentada, na tentativa de efetivar o projeto profissional:

A aproximação com a população é uma das condições para permitir impulsionar ações inovadoras no sentido de reconhecer e atender às efetivas necessidades dos segmentos subalternizados. Caso contrário, o assistente social poderá dispor de um discurso de compromisso ético-político com a população, sobreposto a uma relação de estranhamento perante essa população, reeditando programas e projetos alheios às suas necessidades,

ainda que em nome do compromisso. (...) é necessário romper (com) as rotinas e a burocracia estéreis (...) para o desencadeamento de ações coletivas que viabilizem propostas profissionais capazes de ir além das demandas instituídas (Iamamoto, 2002:34-35).

A capacitação continuada é aqui apontada como fundamental na incorporação crítica do projeto ético-político profissional e também como possibilidade de ser um dos instrumentos de socialização do acúmulo teórico, metodológico, ético e político da profissão nas mais diversas áreas e, como já colocado, entendendo que ela não necessariamente ocorrerá no espaço da universidade.

Entende-se que para efetivar o projeto profissional hegemônico, anteriormente discutido, é necessário incorporá-lo criticamente, pois é na ação profissional, nos diferentes processos de trabalho, que ele poderá ser concretizado. Além disso, o uso de pesquisas e ações que buscam esse “conhecimento profundo e crítico” da realidade social, é também entendido como fundamental ao exercício profissional:

(...) a pesquisa das situações concretas é o caminho para a identificação das mediações históricas necessárias à superação da defasagem entre o discurso genérico sobre a realidade e os fenômenos singulares com os quais se defronta o profissional no mercado de trabalho. Aliás, a principal via para superar a reconhecida dicotomia entre a teoria e a prática, requalificando a ação profissional e preservando sua legitimidade (ABESS,1996: 152).

A investigação pode ser entendida como um espaço de luta e resitência, pois é uma atividade fundamental que pode subsidiar a construção de alternativas críticas para o enfrentamento da “questão

social”, que superem as demandas colocadas pela agenda neoliberal do atual mercado de trabalho.

Então, como já afirmado, é a partir dessa leitura crítica da realidade social e das demandas da população atendida nos diferentes campos de trabalho que o profissional poderá romper com o burocratismo e concretizar o projeto profissional construído coletivamente, que tem como um dos pressupostos a efetivação dos direitos sociais. Além disso,

Nunca é demais lembrar que o Serviço Social é, antes de tudo, uma profissão de intervenção social e que nossa utilidade social será maior ou menor na medida em que ela possa oferecer respostas úteis às necessidades sociais, principalmente em tempos de incertezas e desafios de hoje (Serra, 2000:174).

Um dos recursos que pode facilitar essa compreensão e a leitura da realidade social, com as suas mudanças, é a reflexão ética que “se põe como um dos recursos teóricos disponíveis para a apreensão crítica dos limites colocados pela sociabilidade burguesa – que se expressam na cotidianidade – à objetivação de uma existência ética mediada por uma consciência humano-genérica” (Brites, 1999:4). A importância desse recurso é o desvelamento dos fundamentos que orientam as escolhas teóricas, metodológicas, éticas e políticas presentes na realidade social e profissional e que dão bases concretas da direção social a qual se vinculam.

Nesse sentido, o que afirma-se é a relação indissociável entre teoria e prática, entre formação e atuação profissional. No entanto, acredita-se que esse conhecimento da realidade social poderá ocorrer em outros espaços políticos, pois conforme afirma Cardoso

É um projeto que abrange na sua estrutura: a formação acadêmica (graduação e pós-graduação); a capacitação permanente de docentes e profissionais não-docentes; a prática profissional, a prática organizativa do Assistente Social e a pesquisa como instrumento na definição e redefinição desse projeto de formação (1998:28).

Mais do que isso, o compromisso da categoria profissional e dos seus agentes tem que ser “mediado por estratégias concretas, articulado à competência teórica/técnica e à capacidade de objetivá-las praticamente por meio da realização dos direitos sociais” (Barroco, 2004:31).

Assim, é fundamental que a categoria participe dos encontros, dos debates, seminários, etc., oferecidos pelos CRESS, como também dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais, enquanto espaços que possibilitam socializar o conhecimento, propor, demandar e construir propostas de formação profissional e de ação coletiva dos assistentes sociais.

A participação é sempre um elemento estratégico necessário e possibilita a politização das relações sociais e, principalmente, a intervenção crítica e consciente na sociedade. Devemos, inclusive, refletir sobre o verdadeiro significado de educação

Se entendemos que educação é atualização histórico-cultural dos indivíduos e se estamos comprometidos com a superação do estado geral de injustiça social que, em lugar do bem viver, reserva para a maioria o trabalho alienado, então é preciso que a formação concorra para a formação de cidadãos atualizados, capazes de participar politicamente, usufruindo daquilo que o

homem histórico produziu, mas ao mesmo tempo dando a sua contribuição criadora (Paro, 2001:25).

Isso coloca a todos os profissionais o “dever” e a responsabilidade de acompanhar o debate profissional que se dá nas principais entidades da categoria (CRESS, CFESS, ABEPSS) e nas Universidades<sup>29</sup>, para poder ‘participar’ e partilhar das decisões coletivas, demandando e propondo a realização de cursos desta natureza. Muito mais do que isso, é construir a profissão e as possibilidades de efetivação do projeto profissional defendido pela categoria:

*Envolver-se, acompanhar, participar e cobrar soa muito mais difícil do que deixar que outras pessoas façam por nós, como recomendava a tradição clientelista, paternalista e populista que prevaleceu – e de certa maneira ainda subsiste – durante quase todo o século XX no Brasil. Aquela é uma alternativa árdua, mas real; lenta, mas recompensadora. Só assim valores como democracia, cidadania, justiça social e liberdade podem vir a se fazer um pouco a cada dia e se concretizar, para além das miragens da modernidade neoliberal (Brites, 2000:61, grifos meu).*

É importante enfatizar que essa participação vai em dois sentidos: primeiro se reconhece que esta profissão tem um caráter interventivo e que, por isso, não necessariamente os profissionais trilharão uma carreira acadêmica, e essa participação possibilitaria a aproximação com o acúmulo da profissão e com as decisões coletivamente construídas.

Em segundo lugar, não menos importante, é necessário que as entidades da categoria, anteriormente citadas, e as Universidades

---

<sup>29</sup> Uma das possibilidades de manter-se afinado com o debate profissional e o acúmulo teórico da profissão é a leitura das revistas especializadas do Serviço Social. Talvez o principal exemplo seja a Revista Serviço Social e Sociedade, da Cortez editora, uma revista quadrimestral que existe há mais de 20 anos, além da Revista Temporalis, revista semestral da ABEPSS que veio substituir os Cadernos ABESS. Há também a Revista Inscrita, Editorial Dossiê CFESS, uma revista semestral, entre outras publicações. Essas são possibilidades de atualização profissional.

reconheçam as demandas trazidas por todos os profissionais e articulem respostas a estas demandas, atendendo-as.

Neste sentido, há duas experiências interessantes de capacitação e atualização profissional, realizadas pelas entidades da categoria, que atendem às demandas dos assistentes sociais quando reunidos em Encontros Nacionais e Congressos, como o Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, realizado de três em três anos.

A primeira experiência a ser relatada é o “Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social”, realizado pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), duas importantes entidades da categoria profissional, articulados com o Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD) da Universidade de Brasília. Tal articulação é fundamental, uma vez que o Conselho Federal não tem competência legal de “formação”, por isso a necessidade de vincular-se a um centro de ensino, uma universidade, para viabilizar o curso.

Esse curso tem como característica ser “um *curso na modalidade de ensino à distância* (...) mais acessível e econômico”<sup>30</sup>, e que, por ser à distância, possibilita profissionais de toda parte do país participarem<sup>31</sup>. Conforme apontado na apresentação constante no módulo 01 do curso, seu objetivo geral é:

(...) capacitar os assistentes sociais para uma compreensão da realidade brasileira e seus impactos no trabalho profissional –

---

<sup>30</sup> Conforme expresso na apresentação do curso – Módulo 01

<sup>31</sup> Conforme “Relatório final da gestão do CFESS de 1999-2002”, foram inscritos, na primeira turma, 1642 profissionais na especialização, dos quais 698 receberam certificado de especialista, 19 receberam certificado de extensão e 11, o certificado de aperfeiçoamento. Já na segunda turma, inscreveram-se 499 profissionais e concluíram o curso 181. A avaliação é positiva, uma vez que outros cursos de mesma natureza tem taxas de evasão semelhantes. É importante ressaltar ainda que devido a boa avaliação deste curso, está em fase de finalização uma segunda etapa, com algumas alterações.

demandas, respostas e peculiaridades diante da questão social – objetivando a ampliação da competência teórica, política e técnica desses profissionais e do seu compromisso com a consolidação do projeto ético-político do Serviço Social na atualidade.

Esse curso de capacitação à distância foi uma das propostas que vai na linha da socialização do conhecimento acumulado nas Universidades e nas diversas pesquisas. Pode ser considerado um curso de atualização profissional, que objetiva exatamente a leitura crítica da realidade social, para assim, o profissional intervir com maior competência profissional e maior possibilidade de efetivar direitos:

A expectativa é que o curso responda às necessidades dos assistentes sociais e contribua para imprimir maior qualidade e competência crítica ao exercício profissional, fortalecendo o compromisso com os princípios ético-políticos norteadores do seu trabalho no despertar de um novo século.<sup>32</sup>

A outra experiência é o “Curso de capacitação Ética para agentes multiplicadores”, uma parte do projeto Ética em Movimento, que foi apresentado e aprovado no XXVIII CFESS/CRESS. Este projeto (Ética em Movimento) tem como objetivo:

(...) reoxigenar o debate, aprofundando princípios ético-políticos  
(...) trata-se de imprimir visibilidade profissional e social, dar vida, *movimento* a um debate que, ao alçar vôo, permitirá que COFIs (Comissão de Fiscalização), conselheiros (as), e a categoria tenham possibilidades de produzir conhecimento, capacitar,

---

<sup>32</sup> Trecho constante na apresentação do Módulo 01 do Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social.

denunciar, articular politicamente e pesquisar, buscando materializar uma ética mais ampla que sua expressão legal.<sup>33</sup>

O curso é viabilizado pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e “objetiva uma formação básica que responda, de modo fundamentado, às demandas éticas postas ao conjunto CFESS/CRESS, especialmente: a fiscalização do exercício profissional, o trabalho das Comissões de Ética, a implementação do Código de Ética, a ação educativa/preventiva e a publicização do posicionamento ético-político inscrito no projeto ético-político profissional”<sup>34</sup>.

É importante salientar, que esse projeto, Ética em Movimento, é uma resposta encontrada pelo conjunto CFESS/CRESS à proposta feita na Agenda Política da Sessão Temática “Ética, Política e Direitos Humanos”, ocorrida no IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – Trabalho e Projeto Ético-Político Profissional – Goiânia, Julho de 1998. No Relatório das Sessões temáticas desse Congresso é apontada como proposta:

Indicação para que o CFESS se aproprie e qualifique a experiência do CRESS Itinerante, trazida pelo CRESS 16ª Região– AL, como instrumento de socialização e reflexão acerca dos fundamentos do Código de Ética Profissional junto à categoria profissional, na perspectiva de legitimação do Código de Ética como instrumento essencial para a intervenção profissional.

Mas não é apenas em cursos que a atualização poderá acontecer, apesar de serem importantes e de atenderem demandas da categoria profissional. E isso demanda uma ampliação da organização da categoria

---

<sup>33</sup> Trecho extraído da Apresentação do Curso de Capacitação Ética para Agentes Multiplicadores. Volume 1, p.6.

<sup>34</sup> Conforme expresso na metodologia do Curso de Capacitação Ética para Agentes Multiplicadores. Volume 1, p.9.



e a vinculação com os movimentos sociais ligados aos interesses da classe trabalhadora.

Assim, entende-se que para a efetivação desse projeto profissional, é necessário a construção de uma vontade e de uma ação coletiva na sociedade que tenha no horizonte, a autonomia, a emancipação, a ampliação da liberdade, a socialização da política, a apropriação coletiva da riqueza socialmente produzida, o pleno desenvolvimento dos indivíduos sociais, enfim, os princípios defendidos nele.

É importante que a categoria se aproprie desse projeto e o incorpore, mas é necessário **resistir** e buscar possibilidades de ampliação das estratégias, valores e princípios defendidos. O conhecimento crítico acumulado e a intervenção prática é uma estratégia de resistência às ao neoliberalismo e às suas demandas neoconservadoras para a profissão.

Conforme Netto (2004a), é necessário “jogar forte na organização *política* dos trabalhadores e da massa da população, rompendo com particularismos e corporativismos e com a ideologia da solidariedade abstrata”, afirmando que os resultados dessa resistência demandarão um longo tempo, mas esta é necessária e possível. Mais do que isso, é necessário compreender que “é o conjunto de lutas (...) que pode bloquear e reverter a dinâmica que hoje compele o movimento do capital a rumar para a barbárie” (Netto, 1995:84/85).

**SUJEITOS DA AÇÃO PROFISSIONAL: COM A PALAVRA,  
AS ASSISTENTES SOCIAIS.**

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com o mesmo perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

(Poema: A Verdade - Carlos Drummond de Andrade)

### **Capítulo III – Sujeitos da ação profissional: com a palavra, as assistentes sociais.**

#### **1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com oito assistente sociais, mulheres que tem como característica o envolvimento e a participação em espaços diferentes: núcleos de estudos do CRESS, movimentos sociais e populares, partidos políticos, congressos e encontros da categoria profissional, cursos de especialização, pós-graduação e uma que participou do curso de capacitação à distância realizado pelo CFESS e apresentado anteriormente.

Outros fatores as diferenciam: ano e local de graduação, tempo de atuação profissional, áreas e espaços sócioocupacionais, entre outros fatores que serão destacados. As diferenças no perfil dessas profissionais tinha como objetivo relacionar os vários fatores que podem influenciar no trabalho profissional, assim como no processo de formação mais geral.

Buscou-se exatamente a amplitude de áreas em que a profissão está inserida, pois ela atua nas várias expressões da “questão social” na defesa dos direitos sociais e humanos e das políticas sociais que os materializam.

Dentre as entrevistadas, a maioria (6) foi formada após o ano de 82, data que marca a revisão curricular e que expressa o projeto de ruptura, base do atual projeto ético-político hegemônico. No entanto, destas há três profissionais que se formaram entre os anos de 84 e 88, momentos que os currículos ainda estavam em fase de elaboração e

implantação tendo como referência a citada revisão<sup>35</sup>. As demais fizeram a graduação na década de 90 ou nos anos 2000.

Quanto à universidade de graduação, todas a concluíram no Estado de São Paulo. A maioria do grupo (7) se formou na cidade de São Paulo, sendo 2 na PUC-SP, 2 na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), 2 na Universidade São Francisco e 1 na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Paulo. A outra assistente social se graduou na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul.

Todas as profissionais entrevistadas declararam que seguiram, ou seguem ainda, com a sua formação. Algumas citaram cursos, seminários e palestras diversas. Há 6 entrevistadas que fizeram, ou estão fazendo, algum tipo de pós-graduação: especialização em saúde pública, aprimoramento em saúde mental, especialização em formação social da consciência, em gestão pública, curso de capacitação à distância do CFESS e mestrado.

Essas profissionais estão inseridas em diferentes espaços socioocupacionais: 4 na esfera estatal (2 em prefeitura, 1 no governo do Estado e uma em empresa pública de economia mista), 2 em ONG's (organização não governamental), uma no judiciário e uma em empresa de consultoria.

Quanto às áreas de atuação profissional, temos: infância e juventude, habitação popular, assistência, gestão pública, saúde e

---

<sup>35</sup> Conforme uma das entrevistadas *"Foi na transição da ditadura... não só isso, mas também da reformulação do currículo, das novas diretrizes... foi exatamente nesta transição (...) a faculdade não estava preparada, ela não tinha assumido ainda essa nova proposta...o curso foi todo naquela linha bem tradicionalista, assim, do grupo, caso e comunidade, se bem que a gente já estava nas novas diretrizes..., mas não havia sido implantada ainda nessa faculdade..."*.

projetos por tempo determinado em várias áreas, recursos humanos, desenvolvimento comunitário e humano, consultorias e assessorias, etc.

Esses dados tinha como objetivo “apresentar” as entrevistadas, mas é necessário dizer que a diversidade se repete também na forma de “pensar” e “viver” a profissão, a sociedade, os usuários, etc.

## **2– Modos de “pensar” e viver a profissão**

Para refletir sobre o projeto profissional, iniciar-se-à com a própria compreensão sobre a profissão por parte das entrevistadas. Devemos lembrar que essa compreensão da profissão expressa a visão de homem e de mundo que os profissionais têm e que impacta na atuação profissional:

*“a nossa concepção encara o homem dentro de uma perspectiva de desenvolvimento de suas humanidades. Nesse sentido, um homem que é sujeito de sua própria história, um homem que vai ser chamado a compor a decisão a respeito das questões que o envolvem. Seja ele... do lugar que ele estiver ocupando, seja ele ligado aos movimentos sociais que estão trabalhando com a população em situação de rua(...) Minha perspectiva do SS é essa, é o desenvolvimento das humanidades na relação com o coletivo, então mesmo que eu vá ter um olhar para um atendimento particularizado, de uma situação em que a fragilidade é tamanha em relação àquela pessoa, que eu vou ter que acolhê-la na sua individualidade, eu vou olhá-la sempre na perspectiva de que aquela solução seja assumida coletivamente”. (E4)*

Algumas profissionais também ressaltam a importância do profissional contribuir com os usuários na perspectiva de “desindividualização” do seu problema e na articulação com as lutas mais gerais pela cidadania e pelos seus direitos:

*“poder estar atuando para sair daquela dependência, sair do individual, ou ele é só o problema..., “eu sou o problema”, tirar essa visão um pouquinho mais centrada no individual e poder estar tendo uma visão mais ampliada... e assim, uma possibilidade de saber também que ele pode estar tendo uma atuação que dá para estar mudando essa realidade que ele está e que outros também estão” (E1)*

*“eu entendo que há necessidade da pessoa ser cidadã, entender esse caminho, esse caminho não é fácil, a gente, brasileiro, não foi estimulado a isso, e eu acho que o SS deve tocar nessas questões”. (E3)*

Outras, ao falar do Serviço Social, lembram a importância da formação para uma melhor contribuição:

*“eu vejo que a gente contribuiu muito para fazer as políticas públicas (...) o fato também do profissional partir para a pós-graduação, mestrado, doutorado, também fez com que aquilo que ele aprendeu na universidade, pudesse avançar”. (E5)*

*“eu acho que por muito tempo ser assistente social, não só assistente social, outras profissões também, mas principalmente no SS, você fazer a faculdade era suficiente para você trabalhar o resto da vida, até aposentar, você só precisava disso, só precisava,*

*em palavras bem simples, atender..., atender e ter o diploma. E eu acho que hoje, para você ser um bom profissional, não dá para você se limitar a isso. Você vai ter que estudar muito, para você ter argumentos, para você combater essas desigualdades(...) Então para você poder argumentar com essas pessoas você precisa se qualificar, senão você não consegue fazer isso. E hoje para você fazer um trabalho profissional realmente, você tem que ter argumento para estar trabalhando...tanto para conseguir uma verba, para conseguir um atendimento, para conseguir enfiar na cabeça de alguém que aquilo é importante”. (E6)*

Percebe-se que aspectos diferentes da profissão são ressaltados, mas que todas vão na direção de construção de uma profissão com um compromisso com os usuários dos serviços, mesmo quando as profissionais fazem uma crítica à profissão pelo que ela ainda tem que buscar

*“a gente tem que romper com esse atendimento individualizado, esse atendimento muito quadradinho, então “você tem que ir lá, você vai ser atendido pela assistente social, ela vai fazer um encaminhamento...”, acho que não, acho que a gente tem que fazer uma coisa mais de coletivo, mesmo, porque a demanda do individual, não é só individual, ela ultrapassa o individual”(E8)*

*“eu vejo como uma profissão que ainda vem reforçar muito isso que eu estou falando... essa questão do **status quo** mesmo..., quando a gente diz a questão do Estado e do poder..., e de uma certa forma eu acho que o SS tem contribuído muito para isso... para manter o poder (...) Então eu vejo o SS ainda com esse ranço, ainda muito comprometido com o Estado, com o poder, com a instituição, com o capital, e não com a população”.(E7)*

Essa mesma profissional lembra da importância da construção do projeto ético-político profissional, e afirma o desafio dele ser incorporado no cotidiano profissional pela categoria profissional

*“Eu acho que é uma construção importante desse projeto ético-político, mas ele ainda não está nas pessoas da minha faixa etária com quem eu tenho contato (...) não chegou ainda no dia a dia..., não está muito ainda..., muito não, está muito pouco absorvido, digamos, pela categoria...”*

Outras profissionais também ressaltaram esta característica ao falar sobre o projeto profissional e todas destacaram a necessidade dele ser incorporado para que amplie sua capacidade de efetivação, mas outros aspectos também são citados, como a relação com os princípios, a importância das alterações no currículo e da atualização contínua:

*“a gente não pode só falar que a gente segue o código de ética em relação aos direitos e deveres, mas a gente tem que ter os princípios muito claros... Se eu quero uma outra sociedade, se eu busco a emancipação do sujeito, se eu busco uma outra relação, eu acredito que temos que estar fazendo isso se tornar real”.*(E8)

*“eu vejo que o fato das universidades terem dado este salto, até nos seus currículos, formou profissionais capazes de fazer esse jogo de cintura, de avançar e de manter sua ética profissional, acho que essa coisa é importante... também acho assim..., que o profissional se abastecer das leituras do jornal, do acesso à internet, de participar desses fóruns grandes, onde você pode trocar experiências com outros países..., isso também possibilita que o profissional seja cada vez mais capacitado”*(E5)



Uma entrevistada destacou o processo de construção dele pela categoria profissional e do “caminho percorrido”:

*“Eu acho da construção que a gente fez, e a construção tinha essa conotação que eu disse para você, é de **estar com**, não fazendo por... o que é difícil..., nós somos apressados, nós somos autoritários... estamos mais do que autorizados a fazer uma série de coisas, mas a gente vê a perspectiva de não dividir poder, de não empoderar o outro... Eu acho que a ética, o lugar desse projeto político, ético, ele passa por tudo isso daí. (...) Vou dizer uma coisa para você: entre nós, os grupos políticos que atuaram no SS, havia muita polêmica, muita briga..., muita, muita, muita... Só que sempre a questão que nos uniu foi de que nós sempre estivemos COM, nunca por, nem pelo..Estou falando da geração que eu pertenci, que já superou uma série de outras coisas... não sei se superou, mas buscava superar o clientelismo, buscava superar o autoritarismo”. (E4)*

Há profissionais que colocam os desafios postos para este projeto na atual sociedade, lembrando, por exemplo, o perfil de cada profissional e a necessidade dele se aproximar da prática, ressaltando mais uma vez a falta de incorporação dele por parte da categoria profissional

*“O desafio da categoria, não sei, manter e conseguir o nosso espaço é enfrentando essas dificuldades mesmo, enquanto os ventos sopram ao contrário.. por isso, só voltando, a importância de não ficar na academia, só lá..., não sei como..., tem sim, tem os espaços..., mas não está dando conta, então criar outros espaços para ver se chega para todo mundo... para reforçar e para enfrentar...”(E7)*

*“Então assim, a questão, no caso do projeto, é um tanto das dificuldades da gente poder estar fazendo esse desenvolvimento, porque tem muito de se posicionar, fazer esse posicionamento é uma coisa que não é tão fácil não..., é mesmo em função, da gente em sendo assistente social, a gente não pode estar dissociando isso da característica pessoal, de cada assistente social também... então não é muito fácil..., é isso que eu vejo”. (E1)*

*“a proposta não está sendo detalhada, aprofundada, se teoriza bastante mas não se... eu acho que falta esse relacionamento com a prática, eu sempre questionei muito isso na academia (...)Você tem muitos profissionais que dizem que defendem o projeto ético-político e, na prática, em momentos aí, está defendendo determinados governos, determinados programas e políticas que vão contra a defesa do projeto ético-político. Eu sinto que a gente tem que ter uma avaliação muito crítica disso. Nem tudo nos une”. (E4)*

Em geral, as profissionais entrevistadas acreditam que o projeto está na direção correta, apesar de todas destacarem a falta de incorporação dele percebida nas relações cotidianas do trabalho profissional.

Uma outra importante característica para analisar a concepção de profissão é entender a leitura, por parte das entrevistadas, do sujeito usuário dos serviços prestados, ou seja, como as assistentes sociais entrevistadas “veem” os usuários.

Neste sentido, foram usadas expressões diferentes para caracterizá-los: *“pessoas mais vulneráveis da sociedade”, “pobres, geralmente mulheres”, “adolescentes”, “toda a população”, “todo município”, “pessoas que vem a procura de informação, de orientação, de*

*encaminhamento”, “é o pessoal que tem uma renda baixa ou sem renda”, “cidadão, pessoas estão mais munidas de consciência”, “é a classe trabalhadora, desfavorecida, na sua multiplicidade (...) nas várias dimensões do ser humano.....”.*

Percebe-se que algumas profissionais se remeteram diretamente ao seu local de trabalho, à atual experiência profissional. Outras, fizeram a leitura do usuário de uma forma mais ampla, pensando no usuário em geral da ação profissional do Serviço Social.

Apenas uma profissional expressou que o usuário do Serviço Social é a *“classe trabalhadora”*, mas as demais também remetiam para a questão de classe, ou pelo menos de renda, após a primeira afirmação.

### **3 – Reflexões sobre a formação profissional**

Vários aspectos sobre a formação profissional foram ressaltados, mas quando questiona-se sobre a formação profissional, a maioria das entrevistadas destacam primeiro o período da graduação. Mais ainda, remetem-se à sua própria graduação e muitas vezes destacam que não podem falar sobre a formação atual, por que *“acompanhei pouco essa questão, eu não sei muito o que falar a respeito”*.

Outro aspecto interessante a observar é que apenas uma entrevistada destaca as características positivas dessa formação:

*“ela tem essa tendência sim em estar fazendo esse acompanhamento da realidade, não te deixa tão assim largada, jogada, dá para você ter sim uma base, teórica inclusive, de*

*formação mesmo, de capacitação mesmo, para depois poder estar se adequando à realidade. Essa é a minha visão” (E1)*

As demais ressaltaram as responsabilidades e ausências da universidade na formação. Destacam-se como responsabilidades a formação para a realidade e o estudo de filosofia como base para entender as mudanças da sociedade:

*“a universidade também tem essa responsabilidade de formar profissionais capacitados para entender como é que é essa sociedade, porque você vê, a realidade de São Paulo é totalmente adversa da realidade do Maranhão, por exemplo, mas assim, independente do profissional ter sido formado aqui, ele vai estar entendendo a realidade de lá do Maranhão...”. (E5)*

*“É fundamental, para qualquer profissional, estudar filosofia. É fundamental, eu tive só um ano,(...) E, essa é a base para qualquer profissão. (...). Ao ver essa cultura, esse desmonte, a gente não dá conta se não tem essa base”. (E3)*

Como críticas à graduação resalta-se alguns aspectos fundamentais que impactam na atuação dos profissionais: faculdades que formam para o mercado de trabalho e deficiências no “ensino da prática”:

*“acredito que a formação ela tenha que superar essa parte da..., digamos assim, da formação do concurso..., ou seja, formar profissionais para passar no concurso. (...) não adianta formar um profissional que vai gabaritar no concurso e não formar um profissional que saiba exercer, que saiba fazer uma ação efetiva... Sem crítica, né, eu formo para o concurso mas eu não sei fazer*

*uma crítica da conjuntura. Acho que a formação tem que focar mais na formação de um profissional propositivo”. (E8)*

*“a formação ainda está muito longe da realidade (...) Eu tenho visto um grande número de estagiários, grande número porque se nós temos 6 estagiários e 2 deles querem desistir do curso quando chega... é um número assustador... E assim, desistir porque não aceita como é. Acho que não aceitar a prática como ela é, é um ponto muito positivo, desde que você se proponha a mudá-la, não que você se proponha a “pular fora” dela. Você formar profissionais que não aceitam e querem mudá-la, eu acho bárbaro (...) há vinte anos atrás a gente também tinha esse problema quando saía da faculdade, é óbvio que tinha..., agora com todo esse contexto de hoje, é óbvio que é mais acentuado. São poucos os profissionais que realmente saem comprometidos com a profissão e conhecendo as **dificuldades e contradições** (...) E cumprir tarefas é muito mais fácil, não tem trabalho. Não dá trabalho cumprir tarefas.. e não dá trabalho para ninguém.., nem para a formação acadêmica, e muito menos depois como profissional. Agora, como é que vai mudar alguma coisa..”(E6)*

*“as pessoas até podem sair de lá com uma boa carga teórica, mas com uma experiência, experiência que eu digo é a prática mesmo, aquilo de experenciar no dia a dia mesmo.., durante a formação... até para estar avaliando, alimentando e tal”. (E7)*

Essas duas últimas profissionais demonstram um entendimento da atual conjuntura, que faz com que os estagiários sejam incorporados como “mão-de-obra” barata e que a maioria dos campos de estágio não oferecerem, em conjunto com a universidade, um verdadeiro processo de ensino-aprendizagem da atuação profissional.

Outra profissional, que tem participação no CRESS, também destacou um momento da atual conjuntura que poderá comprometer todo o projeto de formação profissional e o próprio projeto ético-político profissional:

*“Sobre a formação do SS eu estou muito preocupada, acho que tivemos um retrocesso muito grande. Principalmente o ano passado, essa história do curso por correspondência, hoje o que tem de faculdade aí, teve exemplos que chegou por e-mail no CRESS que tem carro de som no interior, “venha fazer o curso por 190 reais, não precisa sair de casa, só precisa ter o diploma do segundo grau”, isso foi aprovado pelo MEC. E hoje, diante da crise, as pessoas inclusive, até para ter uma oportunidade, e o estudo é uma das saídas, e uma das saídas mais importantes, às vezes nem avalia, se submete a pagar isso, tem um curso precário de péssima qualidade”. (E2)*

Enfim, há vários desafios colocados para a formação, no nível da graduação, para a profissão. Talvez a mais importante seja a afirmação feita por uma das entrevistadas da falta de habilidade da universidade em discutir as contradições existentes no cotidiano profissional e que tem relação direta com a concepção de profissão, ou seja, como atividade vivida e como atividade representada pelos profissionais, uma discussão fundamental do projeto profissional que impacta na atuação.

#### ✓ **Capacitação continuada**

Quando falamos em capacitação continuada, todas as profissionais a avaliam como *“uma coisa bem importante, necessária de estar sendo desenvolvida”*, destacando que isso não é só para as assistentes sociais,

mas para as demais profissões, mas enfatizando a especificidade dessa necessidade para os profissionais do Serviço Social:

*“eu acho que todos os profissionais, em várias profissões, tem que buscar se atualizar... Mas o profissional do SS mais... porque você tem um contato muito direto, muito próximo com as pessoas. (...) Se você não se abastece de munição do conhecimento, você não está preparado, você não consegue entender a realidade do problema que a pessoa está te trazendo (...) acho fundamental ler jornal todo dia, fundamental você participar e entender como é que funciona a política instalada nesse país, nessa sociedade. (...) você tem que ter essa responsabilidade até de quando você fazer a ação, a intervenção, não passar até alguns preceitos que são seus, individuais, não passar para a pessoa”. (E5)*

Exatamente por isso, algumas profissionais destacam que os espaços para essas formação podem ser variados, desde participações em encontros, seminários, cursos à distância, como também a própria atuação profissional, que exige uma atualização do conhecimento constante:

*“quando eu estou falando em capacitação continuada eu não estou pensando só lá no banco da faculdade... Acho que é lá, ótimo quem consegue estar lá..., mas independente, quem não consegue, acho que tem muitos outros meios, mecanismos, formas...(...) por exemplo, quem não pode estar fisicamente lá, tem os cursos à distância, tem os livros, as leituras, os espaços para discussão, acho que tudo isso é um aprendizado, os congressos, seminários, os encontros, e jornal, a televisão, os debates...”(E7)*

*“Eu entendo como capacitação continuada não só o espaço escolar, mas eu entendo capacitação continuada em todos os espaços que a gente esteja inserido, seja na atuação profissional, seja em outros espaços também”.(E8)*

*“acho que a capacitação continuada, se você quiser focar, ela é cotidiana, você está no cotidiano se interpelando a respeito daquilo que você está fazendo, das suas habilidades, das suas aptidões, de como você foi preparado para enfrentar aquilo e de como aquilo no cotidiano tem que estar colocado. (...) se você não tiver uma capacitação continuada, você vai parar no tempo, você vai começar a seguir o modelito feito do outro, você vai fazer o procedimento que eu chamo de “leitura burra”, e você vai repetir aquilo porque sua chefe mandou você fazer e acabou. E vão dizer para você que o orçamento não existe, que não dá para você fazer e então você fica lá nos fundos, assim, atendendo..., encaminha..., uma coisa de uma decadência assim, de um troço que se eu tivesse que fazer alguma vez na minha vida, eu estaria morta. Mas sei que há pessoas que ficam nesse modelito”. (E4)*

Outros aspectos diferentes dessa capacitação continuada são ressaltados, que vai desde a decisão dos profissionais até os espaços necessários para essa formação e as condições. Vale dizer que a referência, nesses casos, são os cursos que ocorrem em espaços acadêmicos:

*“(...) você precisa ter muita vontade, você precisa ter muito desprendimento, (...) tem que ser uma questão de prioridade na sua vida, senão você não faz”. (E6)*



*“não tem dinheiro, é caro, é longe, são poucas vagas (...) ainda é limitado, né”. (E3)*

*“você encontra profissionais com essa precarização, com salários baixíssimos (...) como esse profissional vai se atualizar, vai se capacitar...”. (E2)*

*“A questão que pesa muito em relação a isso são os custos”. (E1)*

No entanto, mesmo essas profissionais, que ressaltam a questão de cursos mais ligados à academia, também acreditam que há outros espaços para a formação, outras possibilidades de atualização para os profissionais, como os seminários realizados pelos CRESS e cursos do CFESS:

*“Há algumas capacitações, algumas coisas que tem custo baixo, promovidas pelo CRESS, e alguma coisa muito ligada aquilo que você tem, aquilo que você já tem de atuação”. (E1)*

*“(...)eu não fiz, mas disseram que aquele de 2003 que o CFESS fez sobre Ética em Movimento foi ótimo. Então quem não tem condições de estar na sala de aula, até porque esse fica mais barato, acho que tem que fazer. Tudo que é para capacitar é importante”. (E2)*

Então, nesse sentido, tem espaços que são possíveis e que consegue garantir um debate, não necessariamente um aprofundamento, mas uma reflexão sobre as várias questões que permeiam o cotidiano profissional e a própria realidade social.

Percebe-se que essas reflexões tiveram como referência a capacitação continuada em geral da categoria profissional, e não as situações singulares das assistentes sociais entrevistadas, pois, como expresso anteriormente, todas as profissionais declararam que continuaram com a sua formação de diferentes formas, sendo a maioria em espaços acadêmicos.

As entrevistadas ressaltam que a capacitação é ampliada com a atualização dos conhecimentos gerais e específicos de várias formas: *“no próprio curso”, “o jornal como um todo, não só do CRESS, mas específicos, como o do sindicato, e o jornal que assino...”, “através de leitura específica do SS. Através de debates (...) os próprios Fóruns, as Conferências são espaços que te permitem o debate”, “acesso à internet”, “a Revista Serviço Social e Sociedade”, pois “você pode estar vendo o que está acontecendo com relação a habitação, economia, política, coisas que você precisa estar informada...você tem que estar informada”.* Enfim, é necessário *“acompanhar a conjuntura”*.

Uma das profissionais destaca também a importância de estar em espaços políticos, de militância, para a atualização profissional, para essa compreensão da realidade da forma mais abrangente possível:

*“a militância, porque quando você acaba acompanhando as coisas e conciliando com a leitura, você consegue ter uma visão da realidade, ter mais clara a conjuntura, ter uma visão maior da totalidade”. (E2)*

O que nos remete para a discussão dos vários espaços de participação em que as pessoas, e, aqui, especificamente, as profissionais podem estar envolvidas.

#### 4 – Participação política, cívica e profissional

Várias formas de participação política foram destacadas pelas profissionais: participação em sindicatos, em partidos políticos, em movimentos sociais e populares, na categoria profissional, etc. Ao falar de suas participações nesses espaços, aspectos diferentes são ressaltados pelas entrevistadas:

*“estou 10 anos no Movimento Popular (...) UMM, União do Movimento de Moradia. (...) no início entrei por uma necessidade de moradia e aí depois você acaba se envolvendo politicamente nos espaços, por ter essa coisa de contribuir, de estar junto na luta, eu acabei ficando...” (E5)*

Algumas articulam a participação política com a profissão, com o trabalho profissional, com a dimensão política da profissão e com a impossibilidade de neutralidade nos diversos espaços em que atuam ou militam:

*“o meu trabalho tem esse privilégio porque eu me mantenho na militância, porque como é numa organização não governamental, tem também um trabalho de militância, aqui inclusive nós nos entendemos como militantes da temática que a gente atua. E milito também, até anterior ao SS, inclusive foi um dos meus incentivadores para fazer o curso, na militância do movimento popular. Então eu ainda continuo fazendo parte da direção da Central dos Movimentos Populares (CMP) e isso me alimenta cotidianamente”. (E2)*

*“eu tenho uma militância política que me compromete bastante e que me coloca no olhar da minha profissão também do ponto de vista político. Não só do ponto de vista político, na essência da política pública, mas no sentido da política partidária... (...) Sou do Partido dos Trabalhadores mas não sou quadro do PT, sou militante”. (E4)*

*“não sou uma militante de um partido, mas eu acho que tudo na vida da gente que a gente faz, a gente não faz à toa, né, a gente não é neutro.. tudo que a gente faz a gente faz também por uma questão política... (...) acho que a minha participação é por aí, perpassa por aí, em vários espaços... e também pelo CRESS, é um espaço, não deixa de ser, o sindicato, não deixa de ser.. e outros espaços”. (E7)*

*“eu acredito que eu tenho participação política, né, a partir do momento que eu estou inserida nesses espaços (como os núcleos do CRESS e os Fóruns). Acredito que seja política a minha participação no sentido de que é uma participação propositiva, eu tenho um propósito”. (E8)*

Quatro profissionais declararam não ter nenhuma participação. Uma delas, ao fazer tal declaração, faz uma cobrança a si própria:

*“hoje eu tenho 19 anos na habitação, é muito tempo, eu poderia ter mais efetivamente.. Eu poderia estar junto ao CRESS, eu poderia estar junto a algum movimento popular... mas não sei te explicar ainda.. mas não estou. As coisas não funcionam tão fáceis assim”. (E6)*

Essa mesma profissional conta um pouco a sua nova motivação, ou melhor, suas novas expectativas em relação à profissão após a participação no último Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, ocorrido em outubro de 2004 em Fortaleza, que a fez inclusive “voltar a estudar”:

*“Quando eu fui para o congresso, foi como uma descoberta para mim.. a verdade foi essa... Quando eu vi aquele monte de gente, porque assim... (...) Quando eu vi aquilo ali, pensei “poxa, não sou só eu..”, tem um monte de gente que pensa assim em vários setores da sociedade. As pessoas ainda acreditam.., tem pessoas da minha idade, formadas no mesmo tempo que eu, que ainda vão lá no congressos, que ainda vão debater.., que ainda acreditam... (...) me deu energia, me deu vontade de voltar a estudar.. (...) Depois do Congresso acho que assim..., me incentivou. Eu tinha que ir, eu precisava mudar alguma coisa na minha vida. (...) Isso também se tornou fundamental para mim.. Eu tinha que voltar porque eu tinha que me energizar de alguma forma...nesse espaço”.*

Essa assistente social faz uma reflexão sobre sua situação singular em contato com aquele espaço coletivo da categoria profissional. Mas, assim como ela expressou, acredita-se que esses espaços são possibilitadores de catalisar a reflexão sobre o cotidiano profissional, sobre a realidade social, sobre a sociedade.

As profissionais entrevistadas declararam formas diferentes de acompanhar o debate da categoria profissional, ou seja, os avanços teóricos, metodológicos, éticos e políticos realizados no interior da profissão e na própria sociedade.

## ✓ Debate profissional e participação nos espaços da profissão

O principal espaço citado de participação para acompanhar o debate profissional é o CRESS, através de seus núcleos de estudos, seminários, cursos rápidos, o que é compreensível, pois é um dos organismos de representação da categoria:

*“eu participo de algumas atividades, tem o núcleo de saúde aqui no CRESS de SP, e eu participo lá, de alguns debates... (...) todos os debates, sempre correlacionado com a questão da saúde, da minha área, mas assim Congressos, sempre participo dos Congressos Brasileiros..., seminários que são feitos por aqui mesmo, eu sempre procuro acompanhar... Acompanhar para ficar sabendo como é que está desenvolvendo..., a gente precisa mesmo estar fazendo estas trocas..., não ficar só no espaço de trabalho... (...) se a gente trabalha com a dinâmica da realidade, não tem como ser cristalizado”. (E1)*

Quando o assunto é o debate profissional e a participação política, percebe-se que as profissionais tem sempre várias participações, em espaços diferenciados e que, apesar da referência para a pesquisa ser a participação em um dos espaços, elas são sempre mais abrangentes:

*“Participo do Fórum da Criança e do Adolescente. Eu participava do Núcleo de Assistência do CRESS, atualmente participo do Núcleo de Saúde e de Criança e Adolescente do CRESS, e quando eu tenho disponibilidade de tempo, eu vou também no Núcleo de Gênero... que é uma discussão que perpassa a profissão, por isso estou me inserindo nesse debate também...”(E8)*

Essa profissional destaca que essas participações criam a possibilidade de inserção em outros espaços, também proporcionadas pelo envolvimento com o Conselho Regional:

*“no espaço do CRESS a gente está participando do Núcleo, mas esse espaço também pode ser ultrapassado..., fóruns, conferências, outros locais para a gente estar debatendo, discutindo e são coisas que tem a ver também com a nossa intervenção.(...) Os mais recentes foram a Conferência dos Direitos Humanos, a Conferência de Assistência Social, que eu fui... a Conferência dos DH fui pelo CRESS e fui para a Conferência da Saúde... bem recente”.*

Uma entrevistada, além de se referir ao CRESS e aos seminários e atividades preparadas pela entidade, destaca a importância da leitura específica da área como forma de manter-se atualizada com o debate mais atual da categoria profissional:

*“tenho assinado a revista (Serviço Social e Sociedade), porque eu acho que é um canal, eu pelo menos acho, para mim é um canal muito interessante de estar acompanhando... quem não está lá no dia a dia, não está em outros espaços, pelo menos para não perder o eixo da discussão. E fora a revista leio livros mesmo, volta e meia pesquisando o que tem de novo, para não perder o que está sendo discutindo...”. (E7)*

Outra assistente social coloca uma das possibilidades de participação no espaços: atuar por segmento, ou melhor, em áreas que tem relação direta com a atuação profissional e com os usuários do serviço prestado:

*“por muito tempo participei do Núcleo da Criança e do Adolescente e da Família na PUC, muitos anos, então eu faço isso, eu fico num segmento...(...) Nesses anos eu acompanhei a questão do mundo acadêmico e questões ligadas à criança; depois eu fiquei no Conselho Gestor que era bem específico das ações no CAPS, (...) eu participo de segmentos... Atualmente estou no CRESS, no núcleo da criança e do Adolescente..., e eu quero agora fazer um curso de especialização, até me inscrevi ontem, de políticas ligadas à cultura. Porque eu acredito que a arte liberta.. Por exemplo, a FEBEM tem programas ligados à cultura, e tem ações lá muito importantes, muito fundamentadas..., não é uma coisa vazia... (...) Porque os meninos nossos, que também são os meninos da periferia, eles não tem acesso à arte... eu vejo que as crianças precisam disso, e os jovens também... Nessa brutalização da vida, precisa ter esses aspectos...”. (E3)*

Também temos que destacar as diferentes inquietações e motivações que fazem com que essas profissionais busquem espaços como os citados anteriormente, que vai desde um entendimento de estar se atualizando, refletindo coletivamente as situações, até o entendimento de sua contribuição para esses espaços, para a sociedade:

*“necessidade mesmo de estar lá.. de estar conversando, de estar trocando, de estar sabendo o que está acontecendo...”(E1)*

*“Não fui lá só participar, participar como um observador..., eu busco esses espaços para me atualizar, para me construir e ir construindo esse saber, e melhorando, e crescendo e aprendendo...”. (E7)*

*“Porque eu tenho uma inquietação quando eu vejo que as coisas não acontecem. (...) eu fico agoniada. Então eu procuro espaços*



*onde eu possa agir, onde eu possa pensar a respeito... e encontrar alternativas...” (E3)*

*“O que está me alimentando hoje é tentar mudar as coisas aqui dentro e estudar..., o estudar deu um ânimo muito novo, muito grande”. (E6)*

Uma profissional, que atua em vários espaços construídos dentro do CRESS, enfatiza a necessidade da categoria profissional sair do “discurso” e buscar possibilidades, ao invés de reclamar:

*“eu sempre gostei muito pouco de discurso, né. Então, na minha formação, logo depois que eu me formei, eu via muitos profissionais falando o quanto a categoria não conseguia as coisas, o quanto era difícil para o profissional a atuação, quanto era difícil, quanto era difícil...esse quanto era difícil, quanto era difícil me fez pensar que não basta eu ficar no discurso “quanto era difícil”, então, logo que me formei me deu muita vontade de ir participar em campo, mesmo..., eu comecei meu aprimoramento em saúde e ressurgiu o Núcleo de Saúde do CRESS, e aí eu fui convidada, e pensei vou lá participar, porque não quero ficar só lá na minha atuação cotidiana. Eu quero ver o que está acontecendo, qual o debate que está tendo na saúde, como eu posso contribuir... eu fui meio que.., não ficar no discurso como os profissionais com quem eu tive contato, mas eu quis ir para campo mesmo, ver como é, ver como eu faço para participar, como que eu faço para ajudar, para contribuir, (...) mas para que o discurso seja outro você tem que participar”. (E8)*

Isso nos remete para uma reflexão sobre as várias relações existentes entre essas participações, política e profissional, a capacitação

continuada, o projeto profissional e os rebatimentos na atuação profissional.

## **5 – Relações entre projeto, formação e atuação profissional: totalidade e necessidades**

Quando foi realizada a reflexão sobre o exercício profissional, as entrevistadas descrevem elementos fundamentais e que são, por vezes, desafios para os profissionais e para a própria profissão. São apontados vários desafios, que tem relação direta com atual conjuntura social e política do país:

*“acho que é muito mais difícil porque acentuou ainda mais a pobreza... Antes você trabalhava com pobre que tinha dinheiro, hoje você lida com a miséria... E lidar com a miséria você tem que buscar todos os mecanismos disponíveis para você lidar com aquilo... na área da habitação eu não posso pensar exclusivamente na habitação... (...) Além disso, assim como aumenta a pobreza, proporcionalmente aumentam as pessoas indiferentes à ela... e aí eu acho que a gente tem um trabalho muito mais intenso, muito mais trabalho para poder estar desenvolvendo a profissão. Porque eu tenho que, de um lado, procurar muito mais recursos, mecanismos, parcerias, para conseguir fazer o atendimento da população e, por outro lado, ainda tem que convencer de que isso é importante”. (E6)*

Além dessa discussão mais relacionada à conjuntura do país, há também aspectos do espaço de trabalho que interferem nessa ação profissional. É importante perceber as contradições e as várias relações de força existentes no interior desses espaços e da própria sociedade, como ressalta uma das entrevistadas que atua no serviço público:

*“Nós que trabalhamos no serviço público, ele oscila muito...(…) tem momentos que eu acho que dá para desenvolver um discussão mais emancipadora, tem outros momentos de retrocesso, que isso torna-se muito mais difícil, por causa da conjuntura do momento que está ali posta... (….) Acho que é diferente ter uma dificuldade e ter consciência de que tem essa dificuldade, que tem essa barreira, para poder tentar ir avançando... que é diferente de ter essa barreira e eu achar que não posso fazer nada, que é assim mesmo, e me conformar com ela. Acho que mesmo que não dê para avançar muito... mas o fato de ter essa consciência já é um passo... te possibilita tentar achar outros caminhos...”. (E7)*

Essa questão do espaço de trabalho também é destacada por outra profissional que já atuou no serviço público, mas que hoje atua em ONG e avalia a diferença desse trabalho:

*“Hoje eu não estou atuando no SS lá na ponta, diretamente como eu trabalhei os três anos na habitação, como estagiária depois como profissional, porque daí era aquele serviço que você está lá, mas você estava representando o estado, seja a prefeitura, seja o governo do Estado, e muitas vezes você não tem poder sobre determinada política, né. Então hoje eu estou numa ONG que na minha avaliação tem um papel muito privilegiado e diferenciado. Até porque esta ONG tem um caráter progressista, entende que as políticas devem ser atendidas e exercidas pelo Estado, que não é papel do terceiro setor. Que o terceiro setor tem que ser propositivo, tem que ser estimulador para que a política aconteça... Então hoje eu tenho um papel, dentro da temática de exploração sexual e comercial de seres humanos, de com os conhecimentos do SS, estimular propostas, estimular a questão do lobby, da articulação no parlamento para que de fato tenha política pública para esse público, para essa temática. E é privilegiado porque é*

*muito mais fácil você propor e você cobrar do que você atuar, tendo a responsabilidade de dar uma resposta, porque o usuário não lhe vê como profissional, ele sabe que você está representando o governo ali, que você tem que dar resposta, e tem que dar mesmo... e ao mesmo tempo esse profissional tem autonomia relativa, porque não depende só dele...”. (E2)*

Destacou-se também as conquistas ocorridas nos espaços de trabalho a partir do exercício profissional e de reflexões coletivas, construindo novas atribuições para o assistente social vindos dos próprios profissionais, e não da instituição:

*“consegui alterar algumas coisas aqui. Assuntos profissionais que não eram entendidos como da nossa competência. Por exemplo... as inspeções (na FEBEM) (...) então, quem fazia era eu, hoje a equipe toda faz. Foi se transformando...”. (E3)*

Uma outra entrevistada destaca as atuais condições de trabalho que os profissionais em geral estão submetidos, e os assistentes sociais em particular, que podem interferir na atuação profissional:

*“Hoje, o que eu vejo, é uma precarização muito séria, que exige um compromisso do trabalhador que é contraditório senão antagônico, porque as pessoas têm uma perspectiva de perder seu trabalho, de perder seu sustento. Então isso é complicado hoje, manter por exemplo um profissional mais militante, numa ética bastante forte, que para mim é o que interessa, quer dizer, como é que eu me relaciono com o povo que eu... com o meu povo e posso manter princípios, que foi o que eu fiz ao longo de toda a minha vida, conseguir garantir os meus princípios profissionais”(E4)*

Obviamente que o assistente social, por estar inserido no mercado de trabalho como um profissional assalariado, está sujeito às alterações desse espaço e, inclui-se, as precarizações. Mas há possibilidades construídas na profissão, e na sociedade, que podem facilitar a garantia dos princípios defendidos.

Alguns fatores que são essenciais para a intervenção profissional foram citados, considerando a atual conjuntura, como a defesa desses princípios e do projeto que defende:

*“não esquecer nossos princípios e para quem a gente trabalha. Porque o que a gente vê hoje, seja nas entidades governamentais ou aqui na FEBEM, barbáries, instituição de barbáries, práticas horríveis virando rotina. É a não aceitação disso”. (E3)*

*“precisa ter muita clareza de que projeto defende..., primeira coisa, porque quem não tem essa clareza ou é inocente-útil, porque nas relações é utilizado enquanto profissional, ou quando não é inocente-útil acaba desacreditando da profissão por não entender que é uma profissão que lida literalmente com espaços de poder, onde ela esteja, você tem que ter clareza do que você está defendendo, aquela política defende o quê, ela defende que projeto..., e estabelecer como prioridade o usuário”. (E2)*

Essa clareza do projeto profissional defendido e dos princípios devem estar articulados à uma visão de sociedade e à análise de conjuntura, que também são apontados como fundamentais para a intervenção profissional:

*“uma visão crítica da realidade..., porque eu acho que a gente tendo essa visão crítica, pessoal, profissional, e da própria conjuntura. Porque claro, toda as outras coisas... infra-estrutura..., mas isso independe, não adianta eu ter uma boa estrutura, se eu não souber lidar com esse recurso. Então eu acho que é uma visão crítica mesmo, crítica como um todo. (...), a gente entra numa rotina e acaba fazendo uma coisa meio mecanicista, e acaba não voltando para fazer uma auto-avaliação, auto-reflexão, como pessoa e como profissional, porque eu acho que é uma coisa que está muito interligada..., para poder fazer uma avaliação da conjuntura nacional, internacional e mundial... (...) não adianta também eu ter os recursos ter tudo e não saber até lidar por não ter essa visão do contexto como um todo”. (E7)*

*“Ele deve primeiramente saber fazer análise de conjuntura, acho que isso é o principal. Sabendo fazer análise de conjuntura, que ele possa estar intervindo, na sua ação, e propor também... Fazer propostas no seu campo de trabalho, fora dele, na relação que se estabelece com o usuário... Ele tem que ter uma intenção, uma intenção ampla, que não fique muito reduzida aquele atendimento.. acho que é nesse sentido” (E8)*

Três entrevistadas destacam também o aspecto da formação profissional, seja ela da graduação e da formação teórica, seja ela na perspectiva de atualização constante para a intervenção de forma abrangente:

*“a formação ainda é básica, mas quando eu falo formação, é assim...uma coisa mais global... Se você está trabalhando na área da habitação, mas você tem que saber o que acontece na saúde, na educação, com as ONGs, com o terceiro setor... você tem que*

*ter o máximo de informações e envolvimento para você poder dar conta de estar desenvolvendo o seu trabalho”.(E6)*

*“Estar preparado, estar preparado para ouvir, estar preparado para ser criticado, estar preparado para suportar a polêmica daqueles que não aceitam a sua proposta, estar preparado para o debate, e aí exige que você estude muito..., (...)Acho que o trabalho do SS é exatamente o inverso do trabalho do Direito. O Direito é a ciência do que está posto, do que está fechado, o nosso é o inverso, é o da construção cotidiana, e essa construção cotidiana ela muda, e porque ela muda nós temos que nos preparar cotidianamente”.  
(E4)*

*“Ter conhecimento, na hora da intervenção você tem que ter esse conhecimento e esse discernimento do que está sendo apresentado para você. Uma capacitação, tudo que você puder estar tendo mais..., a capacitação que eu digo, fora a capacitação mesmo profissional enquanto SS, é você poder estar o mais atualizada possível para poder estar fazendo uma intervenção com mais acerto que você puder..então eu digo, pelo menos você estar atualizada com o que está acontecendo.., e fora a questão da sua rede. Essa atualização, no caso, está ligada também ao que você tem dentro da sua rede de encaminhamento,(...), você precisa ter o conhecimento dessa sua rede..., também é isso, não é só saber que existe..., mas saber o que faz..., e quando, e como, quais são os critérios.. você ter todos esses informes para ser o mais assertivo que você puder, no atendimento, na intervenção”. (E1)*

Destaca-se que a formação profissional possibilita uma atuação mais efetiva, de acordo com as demandas postas na sociedade e pelos usuários. Isso nos remete a discutir a relação entre teoria e prática,

pesquisa e atividade profissional, ou seja, articulação entre formação e atuação profissional.

### ✓ Relação teoria e prática

A maioria das entrevistadas citam a importância da relação entre teoria e prática, afirmando que esta articulação é indissociável, uma completando a outra:

*“Eu não vejo uma dissociada da outra. É impossível você propiciar a prática, a ação, a intervenção, sem uma teoria”. (E5)*

*“a teoria é fundamental para que você tenha argumentos, para que você tenha acesso a buscar esses recursos, essas informações. Agora a prática ela te mostra a realidade realmente, (...)Então acho que uma completa a outra”. (E6)*

Enfatiza-se também a importância de perceber essa relação para não cair “num ativismo”, ou melhor, para não ser praticista:

*“Entre teoria e prática eu vejo que essa relação é única, não existe teoria sem prática, nem prática sem teoria. Não adianta. Se você não se atualizar, não estudar, não refletir, você não avança na prática e no cotidiano profissional. E vice-versa. Se você fica só na prática, você vira um ativista”. (E2)*

No entanto, percebe-se que mesmo citando que essa relação é indissociável, algumas profissionais ainda dão um maior destaque à teoria



e à atual produção teórica do Serviço Social que, conforme avaliação, está mais “próxima” da prática:

*“não está uma coisa tão distante, só daquelas fundamentações..., que até você estar fazendo a relação com o que você está vivenciando fica uma coisa muito distante.., pelo menos eu estou vendo essa melhoria de qualidade de produção muito mais ligada com a nossa realidade. Inclusive, dentro dessa inclusão da questão de gênero, da questão de raça e etnia, você já está tendo muito mais produção também...”. (E1)*

*“a prática depende muito da teoria como conhecimento para me embasar, o conhecimento embasando a minha prática... para fazer análise de conjuntura, para ter essa visão crítica”. (E8)*

Um outro aspecto importante a ser analisado é a relação entre pesquisa e atividade profissional, onde são realizadas diferentes argumentações e reflexões. Apesar dessa discussão ser um desdobramento da reflexão anterior, geralmente as entrevistadas se remetem mais ao seu cotidiano profissional, diferente da reflexão sobre a relação teoria e prática que era sempre mais abrangente.

Uma característica bastante ressaltada foi a de que, através da pesquisa no cotidiano do trabalho, foge-se de “modelos”. podendo construir alternativas mais coerentes com a realidade e também possibilitando mudanças para a própria profissão no espaço de trabalho. Nesse sentido, ela é vista como fundamental:

*“É fundamental.. para você desenvolver qualquer trabalho você precisa conhecer onde você está desenvolvendo seu trabalho, é*

*fundamental você conhecer.., conhecer para ver as necessidades.., e não impor aquilo que nem sempre é necessário... um modelo único para tudo. (E6)”*

*“Pesquisa é fundamental, inclusive para subsidiar na teoria, subsidiar na prática. Se não se observa, não se avalia principalmente nos programas e políticas, principalmente do ponto de vista da pesquisa, ela fica muito superficial.(...) Eu vejo ela como um dos itens importante na formação profissional e no cotidiano profissional”. (E2)*

*“hoje a importância da pesquisa é exatamente para a gente não ser mero executor, o resultado dessa pesquisa.., a gente pesquisar, planejar... propor, mais acima do que avaliar... pesquisar mesmo para conhecer essa realidade para poder intervir nessa realidade.(...)acho que são coisas que devem ser construídas e assimiladas...” (E7)*

*“eu entendo que se o profissional tem esta postura, que é uma postura de observar, é uma postura de estudar, uma postura constante de que aquela sua prática está te apontando determinadas coisas e às vezes direções que você não está habituado, porque às vezes você se fecha em procedimentos, principalmente se você estiver falando... eu costumo dizer que é a leitura burra (...) em que se institui um procedimento e aquele procedimento passa a ser quem manda, quem manda.., porque não você não pode modificá-lo em hipótese alguma porque forma um modelito fechado, eu acho que a pesquisa é fundamental e nesse sentido a prática vai dar uma direção fantástica em relação as possibilidades de mudança.(...) eu acredito que a pesquisa vai te ajudar, nesse sentido, a ir direcionando a sua atuação. Sobre a*

*possibilidade de que a pesquisa esteja presente como alguma coisa que nós já tenhamos introjetado, que faça parte da nossa segunda pele, que é a pele do profissional, eu não tenho tanta certeza”.(E4)*

Mesmo com o destaque dado às várias possibilidades da pesquisa, percebe-se um questionamento sobre a sua utilização no cotidiano profissional. Uma das entrevistadas coloca as dificuldades para isso:

*“no cotidiano acho que tem um pouco de dificuldade, com relação assim... você entra nesse pique de estar fazendo os atendimentos, tem essa questão, não dá tempo de respirar para você estar vendo, estar analisando o que você está fazendo...isso seria um pouco da dificuldade de você estar trabalhando, de estar fazendo uma pesquisa dentro do que você está atendendo no cotidiano... mas isso sim, é extremamente importante para você poder estar mudando, avaliando, e até assim revendo dentro do plano de trabalho, ela é essencial para isso. A dificuldade de estar fazendo..., dependendo da demanda que você tem para estar atendendo... dentro do seu horário, do seu limite, pessoal e profissional para poder estar fazendo, para fazer o atendimento, para poder fazer essa pesquisa...”(E1)*

Outras duas profissionais destacam aspectos relacionados à pesquisa acadêmica. Uma discutindo a importância dessas pesquisas voltarem para o “pesquisado”, o que tem relação com a própria ética na pesquisa; a outra, discute que a ação profissional tem que ser a fonte da pesquisa acadêmica, mas que o exercício da pesquisa seja realizado no no exercício cotidiano:

*“sempre foi feito pesquisa aqui, aqui são trilhões de processos..., mas a gente nunca viu o resultado. Não havia o compromisso do pesquisador em falar olha..., “quando eu terminar, eu passo para vocês, ou vocês olham o site tal, ou entra em contato comigo...”. Muitas pessoas ainda hoje tem essa postura... Agora eu percebo que começa a ter um retorno, pequeno viu, mas está tendo.. (...) toda a prática, a gente não consegue analisar 100%, então o pesquisador vê coisas que a gente não enxerga, mas ele vê coisas... que pode facilitar você rever algumas práticas... pensar, pensar no dia a dia, porque às vezes, como todo mundo, a gente vai indo, vai indo, e aqui o trabalho é muito intenso, porque são casos muito pesados...”. (E3)*

*“a categoria poderia, na própria atuação, começar a fazer com que a atuação dela se torne pesquisa..., até para não ficar fazendo o atendimento pelo atendimento. Porque a partir do momento que eu atendo e eu faço do meu atendimento uma reflexão crítica e possa passar para o outro no sentido de pesquisa, acho que isso contribui para a categoria no geral...(...) a pesquisa científica, no sentido de mestrado, doutorado..., mas que o exercício possa estar vindo antes, possa estar vindo da nossa própria ação...o exercício da pesquisa possa estar vindo do próprio cotidiano mesmo”. (E8)*

A pesquisa, como relatado, pode ser possibilitadora da elaboração de alternativas e propostas mais coerentes com as demandas colocadas no cotidiano do trabalho profissional. Entretanto, é necessário ter claro os desafios que a conjuntura do país, e mundial, colocam hoje para a atuação profissional, até para visualizar as possibilidades.

## ✓ **Análise de conjuntura e dos desafios**

Ao analisar a atual conjuntura, algumas entrevistadas destacam aspectos que interferem diretamente no espaço do trabalho e nas relações profissionais. Outras, enfatizam a questão da crise política vivida no país.

Sobre os rebatimentos no espaço de trabalho e na ação profissional são destacadas a precarização de trabalho, que atinge os profissionais e que podem impactar na atuação profissional, e a própria “desresponsabilização do Estado”, que dificulta o acesso aos serviços e as possibilidades de um atendimento mais adequado aos usuários:

*“uma precarização da mão de obra, uma fragilização dos próprios conjuntos, das próprias associações dos trabalhadores, existe um esvaziamento. E uma perspectiva da manutenção do trabalho te deixa também, pode deixar você também nessa relação mais intimidado.(...) Eu, por exemplo, tenho nesse sentido eu sou muito solta eu não tenho esses receios... eu estou aposentada, estou garantida de alguma forma... Volto ao mercado de trabalho por necessidade financeira mas também porque não poderia ficar dentro de casa.. ainda não tenho neto, não posso fazer tricô”(E4)*

*“está em curso nesse desenvolvimento uma.. eu vou chamar de gestão neoliberal...então assim, a questão de direitos, a questão do dever do Estado.., ele está fazendo o possível para estar se desobrigando dos seus deveres e estar passando para quem se achar competente para estar assumindo... Isso no serviço público está muito... está gritante... muitas das coisas de garantia mesmo, a gente está com muita dificuldade de estar fazendo essa garantia de direitos, a questão de encaminhamentos, principalmente dentro*

*da questão da assistência, está assim... está assim muito difícil mesmo... Até porque há descontinuidade, projetos assim... já são bem claros que não vão ter esse norte de que o que está sendo oferecido, ofertado, tem que continuar, e assim, tem que continuar porque é obrigação do Estado estar fazendo...então isso está bem claro..., é uma obrigação, é, mas eu vou estar passando para outro que se acha mais competente.. e aí passa para a sociedade civil em geral... e daí assim, tem esse desmonte mesmo, uma dificuldade que a gente tem em.... (...) em relação a isso, você está ficando muito amarrado, com muita dificuldade de estar conseguindo estar dando os encaminhamentos que tenham uma possibilidade (...) aliás está dentro da tendência.., estar estrangulando essa questão”. (E1)*

Uma outra profissional, ao refletir sobre a atual conjuntura, destaca elementos relacionados ao seu espaço de trabalho, ou melhor, aos seus usuários, demonstrando um entendimento sobre as várias situações que se apresentam cotidianamente:

*“esse consumismo selvagem, estimulado, massacrante, que está toda hora na Tv, no rádio..., leva as pessoas a entenderem que é esse o único caminho. Então as ações ficam vazias, as ações do indivíduo, porque o importante é o vestir-se, é o consumir, é o mostrar que tem carro, mesmo que seja roubado..., não importa, tem que ter para mostrar para o outro..., tem que exhibir. Esse nível de consumo ele é uma coisa absurda nos jovens que a gente atende... levando para o futuro vai ser para todos os jovens... e aí complica muito a questão dos valores, vira, o que era importante deixa de ser..., e o que é importante é o mostrar-se. Mostrar-se a qualquer preço...(...) As políticas, aí entra a questão das políticas públicas, elas não contemplam as necessidades da nossa população” (E3)*

Sobre a questão da crise política vivida no país, há diferentes abordagens. Uma entrevistada, que é militante do PT e de movimentos populares, aponta as possibilidades que ainda estão dadas na realidade, não só brasileira, mas avaliando a própria América Latina:

*“minha avaliação da atual conjuntura, primeiro assim, esse governo Lula é um governo que... foi mesmo um governo da esperança, para a maioria do povo brasileiro, que depositou o voto nele, e em particular para o SS, que tem um recorte muito claro na formação acadêmica de um projeto político de esquerda. Só que ele não se tornou... ele se adequou ao modelo neoliberal, não conseguiu fazer esse enfrentamento(...) Agora eu tenho uma clareza de que no próximo governo a gente vai avançar bastante nas políticas sociais, eu acho que tem..., não por ser só esse governo no Brasil, mas pela conjuntura com a América Latina. Acho que está tendo muita coisa boa, a gente vai ter que ter muito tempo para analisar, mas a eleição do Ivo Morales, do Chavez, a situação na Argentina” (E2)*

Já outras duas profissionais apontam a “desilusão” ocasionada pela crise política para o conjunto da população brasileira e avaliam que seria necessário reconstruir outro projeto, outra proposta. Nesse sentido, a atual conjuntura

*“é desestimuladora... a gente está num momento de desilusão.. nós tínhamos uma perspectiva, uma esperança, a partir do momento que você percebe que aquilo que você tinha como ideologia, como esperança, também não funciona, o que você vai esperar daqueles que você já sabia que eram assim..., (...) Acho que agora a gente vai demorar trinta anos para ter expectativa novamente, e acho que isso é muito ruim para o povo brasileiro, para todo mundo, para o assalariado, para o cidadão, para*

*qualquer pessoa isso é muito ruim... porque nós demoramos 30 anos para conseguir isso, e agora a gente vai demorar mais trinta para tentar reconstruir isso, para que novos líderes, novas pessoas apareçam..., que construa novamente uma esperança..., alguma perspectiva de que a gente possa mudar...”. (E6)*

*“eu acho que a gente está num momento de grande refluxo. Enquanto se caminhava para um processo de consolidação (de um projeto de esquerda para o país)..., então eu acho que a gente está num momento.., para mim, um refluxo, um retrocesso... me parece mesmo que a gente está num momento de reconstruir... recomençar a construção, porque aquilo que estava posto, esfacelou-se, desmoronou...”(E7)*

Uma das entrevistadas destacou as possibilidades que estão dadas nessa conjuntura, que apesar de não ser “propicia para a emancipação”, é onde estão colocadas as condições para a superação dos desafios postos:

*“a conjuntura atual não está propicia para uma emancipação, mas a gente tem que encontrar brechas nessas conjunturas para que a gente consiga fazer uma intervenção que a gente pretende, que é para a emancipação. Então eu acho que a gente tem que saber fazer análise da conjuntura, ver em que momento a conjuntura está, e ver quais são as brechas para a gente conseguir fazer a nossa intervenção mesmo...” (E8)*

Essa reflexão é fundamental quando se pensa no projeto ético-político profissional, que precisa ser materializado no cotidiano profissional que, por sua vez, está inserido nesta conjuntura. Assim, a leitura das possibilidades torna-se fundamental.



## ✓ Possibilidades para a profissão

Como já afirmado durante todo o desenvolvimento desta dissertação, entende-se que a participação em espaços variados e a capacitação continuada são possibilidades de ampliar a capacidade dos profissionais em incorporar e dar concretude ao projeto ético-político profissional. Até porque este projeto aponta uma “outra sociedade”, que jamais poderia ser construída por uma única profissão.

Assim, as entrevistadas afirmam as consequências, os rebatimentos dessas diversas participações no cotidiano profissional, no exercício de suas atividades e atribuições. As profissionais que participam dos Núcleos de estudos do CRESS, por exemplo, fazem a seguinte avaliação:

*“conforme você vai para um outro espaço, você vê esse outro espaço e se vê, você relaciona, e você traz para seu trabalho...”.*  
(E3)

*“estar fazendo essa reflexão, acaba exercitando isso, para você estar fazendo isso mesmo no seu trabalho..., é uma coisa interessante para fazer.., interessante e necessária. Uma coisa que eu acho interessante é que dá para estar formando essa rede.., essa rede é interessante estar fortalecendo. Isso eu trouxe de lá também.. (...)você estar pensando também em várias outras questões... de qual é o papel mesmo do CRESS, do espaço que a gente ocupa lá...”* (E1)

*“Eu posso dizer assim, que num primeiro momento ele possibilitou um amadurecimento profissional (...) eu era recém-formada, existia*

*outras pessoas que já tinham experiência profissional em determinada área..., e isso contribui. Essa troca de quem está saindo da faculdade e essa troca de quem já tem uma experiência, eu acho que possibilitou uma coisa favorável para as duas partes, acho que contribuiu bastante... isso foi no começo. Agora eu acredito que esses espaços contribuem para uma efetivação de ação mesmo, enquanto profissional. Eu acredito que agora eu estou um pouco mais amadurecida e que agora eu posso contribuir para a categoria, não só para a minha área específica, mas para o geral". (E8)*

Demonstra-se que a reflexão que a participação nesses espaços gera ultrapassa o “espaço” e continua na própria atuação profissional. Outra característica interessante é a troca de experiência: tanto entre profissionais experientes e recém-formados, como para a formação de uma rede a partir das indicações ocorridas entre os vários participantes, além de despertar para a necessidade de rever os espaços da categoria profissional, enquanto espaços construídos.

A avaliação da profissional (graduada em 1984) que fez o curso de capacitação à distância promovido pelo CFESS é fundamental para perceber a importância dessa formação continuada:

*“voltando, na minha formação, porque minha formação era mesmo tradicional, e até então como era a minha formação a gente não deixava de ter aquele ranço muito forte.. mas me abriu o horizonte e muito... me fez conhecer essa nova proposta da profissão... e isso mudou assim... a voltar para mim mesma e a passar a refletir de uma forma diferente de como eu encarava a minha profissão e a visão de mundo. Com certeza teve sim um rebatimento muito grande na minha prática ... tanto o curso foi super importante para*

*ter uma visão diferente das políticas, políticas como um todo e principalmente das políticas sociais, e o Congresso também... cheguei lá com uma lista imensa de coisas para reavaliar aqui..., algumas eu já vi, outras não, fez parar para pensar no dia a dia do trabalho..., mas assim..., de uma forma que atualiza e essa atualização é para um avançar... é avaliar para continuar...” (E8)*

Uma das profissionais, que participa de movimentos sociais, partido político e entidades da profissão, avalia esses rebatimentos em dois sentidos:

*“Do profissional já começou na faculdade, fiquei em várias DPs não por nota, mas por falta, até por conta da militância. Sentia que eu tinha uma facilidade maior de fazer as análises de textos (...) eu tinha uma reflexão de outros complementos que eu tinha da militância que contribuía. E, ao contrário também para a militância, porque eu tinha uma, experiência de vida e de prática cotidiana, então quando eu passei a fazer SS, contribuiu com a teoria, eu levo para a militância. (...) é uma mão dupla, muitas coisas que, inclusive que eu já fiz, e que hoje eu pondero mais, hoje eu tenho uma reflexão que tem que amadurecer, que tem que melhorar... um exemplo mesmo no movimento popular em particular, eu vejo, hoje eu tenho um olhar muito crítico para o geral da militância sem aprofundar a participação popular. Tem que entender o que é conselho, que tipo de conselho você entra, apesar do conselho ser um espaço importantíssimo, garantido, mas não são todos que participam..., não dá para ir só lá reivindicar, tem que estar lá com um olhar propositivo, levar a proposta do movimento, refletir mais.. se preparar. Isso eu não tinha, esse olhar. E para mim isso é uma via de mão dupla..., para mim contribuiu nas duas formas”. (E2)*

Ou seja, a contribuição é conjunta, representa uma totalidade, pois a profissional não é uma pessoa no espaço de trabalho e outra na militância, apesar de terem focos e objetivos diferentes. Esse conjunto de articulações facilita na compreensão mais abrangente da sociedade e isso, obviamente, facilita a atuação profissional, como lembra outra entrevistada que participa de um partido político:

*“Sempre facilita do ponto de vista da sua atualização, sempre facilita do ponto de vista de fortalecer a compreensão da luta que você tem..., de que você está realmente pensando na coletividade (...)é você ter um olhar, olhar para o conjunto e perceber que aquela sociedade tem relações entre si”. (E4)*

Esse conjunto de participações e a própria capacitação continuada é avaliada como importante inclusive para a imagem que a profissão tem para os demais profissionais, para as organizações e para os usuários:

*“o profissional inserido nesse espaço institucional, vamos dizer assim, ele também é por conta de toda aquela bagagem que a gente citou aqui, pelo currículo escolar..., ele acaba mudando também.. e ele se torna aquilo que eu falei, um produtor de opinião..., então a pessoa que vêm usar o SS daquele espaço público, ele também vem com uma outra visão... a partir do momento que o profissional se apresenta com um outro perfil...”.*

Uma entrevistada, por exemplo, explica a conquista de um novo espaço pelo Serviço Social:

*“interessante é estar fazendo uma conquista de espaço, mostrando a questão de ser profissional e garantir..., aqui o SS antes não era*

*chamado a compor uma gestão, mas tem muita relação com que o que os profissionais fazem também para conseguir esse espaço... Perceber que sim..., ele pode estar lá na gestão, ele pode estar lá no planejamento, ele pode estar... Isso também depende de como que as pessoas lidam com as situações e tentam buscar caminhos, porque o espaço está dado, agora ela pode ser aumentado ou diminuído, dentro de uma instituição, dentro de uma entidade. Porque o que você fala e o que você pensa, com certeza pesa, mas o que vale, o que vai aparecer é o que você está fazendo, é a ação, da forma que você está fazendo (...) e isso a gente tem que estar refletindo muito, mesmo, refletindo e agindo bastante, se não fica difícil". (E1)*

Outra profissional, destaca a importância de estar “construindo” essa imagem cotidianamente:

*“uma imagem construída porque nós somos uma profissão que constrói e é construída cotidianamente, que influencia e se deixa influenciar, porque é nesta relação... eu vejo isso na educação e no SS. Nós não ficamos presos em gabinetes..., nós não estamos construindo idealmente essas questões, nós estamos construindo a partir da realidade. Esse é um olhar que as pessoas têm dos assistentes sociais”. (E4)*

Uma outra reflexão colocada é de que essa imagem da profissão não depende exclusivamente do profissional, uma vez que ele está atuando numa realidade extremamente complexa e com vários rebatimentos, inclusive nas relações de trabalho:

*“tenho uma reflexão que tem uma parcela de culpa muito pequena do profissional, porque o desestímulo, a falta de salário, a falta de*

*concurso público, a falta de oportunidade, as péssimas faculdades, os péssimos cursos levam esse profissional a não investir, não investir na categoria, não investir na profissão, muitas vezes não ter clareza... É uma categoria extremamente empobrecida, com péssimos salários, com péssimas condições e que não tem condições mesmo..., muitos profissionais tem dificuldade de se isentar do parecer que ele tem que dar. Ser profissional acaba se misturando com a prática da sua vida, com seu cotidiano". (E2)*

Essa mesma profissional avalia a necessidade de estar em espaços diferentes da atuação profissional para “ter clareza” do projeto. Aponta uma contradição, pois esses profissionais que estão desestimulados não “investem na profissão” e, ao mesmo tempo, só vão ter clareza do projeto profissional quando começarem a investir nela:

*“Se tem clareza do projeto, e isso para mim é só na militância na categoria, você não tem isso no espaço de trabalho. Se você não tem essa clareza de que precisa militar, no sindical, na categoria, no CRESS, acompanhar a conjuntura, você fica perdido... massificado e vira um profissional que acaba ficando porque precisa de salário, mas altamente desestimulado”. (E2)*

Na mesma direção, outra entrevistada aponta a necessidade dessa capacitação e atualização constante para construir alternativas:

*“quando estava falando, da questão do poder, do neoliberalismo, quanto mais a coisa fica globalizada, internacionalizada, mas isso é forte... e voltando um pouco, mas quando eu estava falando também de reconstruir outro projeto, é exatamente isso, e não deixar só o refluxo...Minha grande decepção é porque quando eu achei que a gente estivesse caminhando, a gente teve esse*

*refluxo... E eu acho, eu estou falando das lutas, da participação política, é nesse sentido, é de reconstruir isso, para poder enfrentar... Quando eu falo que ele é importante (o projeto profissional construído), que eu não tive essa visão, que eu tentei me apropriar.. acho que aí é o ponto de transformação. Eu acho que se eu for transformar pelo espaço eu não estou transformando coisa nenhuma... Então eu acho que exatamente construir essa possibilidade junto com..., para de fato a gente intervir na nossa realidade, reforçando os movimentos, os sujeitos coletivos, exatamente para ter uma transformação”. (E7)*

Enfim, acredita-se que essa possibilidade de construir com o “sujeito coletivo” exige dos profissionais e da profissão um maior envolvimento nas lutas, até para conseguir ampliar a capacidade desse projeto profissional ser concretizado. E, para isso, é necessário que esse projeto também esteja incorporado pelos profissionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

**"Ora qual é a nossa elegância?  
Nenhuma, excepto a de irmos ajeitando o  
pé a um novo chão.  
Ou estaremos convidando  
o chão ao molde do pé?  
Questões que dariam para muita  
conferência, papulosas comunicações.  
Mas nós, aqui na mais meridional esquina do  
Sul, estamos exercendo é a ciência de  
sobreviver".**

(Trecho do Poema: Perguntas à língua portuguesa, de Mia Couto).



Pode-se realizar considerações sobre os elementos trazidos nesta dissertação. No entanto, são apenas indicações gerais que pretendem contribuir com o debate acerca da formação profissional e, também, com o projeto ético-político profissional e sua incorporação crítica.

Uma das reflexões possíveis é sobre a participação política das entrevistadas. É interessante notar que as profissionais que declararam que tem participação política estão inseridas em vários espaços simultaneamente: partidos políticos, movimentos sociais e entidades da categoria. Essas participações são ampliadas na medida em que se inserem em um desses espaços.

Outra problematização a fazer é que a participação nos núcleos do CRESS é avaliada, por duas das três entrevistadas, como atualização profissional e troca de experiências, mas sabe-se do objetivo dos núcleos de ser um dos espaços no interior da entidade onde possam ser dados encaminhamentos políticos: participação em Fóruns, em Congressos, Conselhos de direitos, em movimentos maiores articulados à outras categorias profissionais, como a Campanha “Não ao Ato Médico”, etc. Claro que essa “atualização profissional” é interessante e necessária aos profissionais, mas precisa estar articulada à lutas mais gerais, para que a categoria profissional defenda e dê “voz” aos princípios expostos no projeto ético-político nas grandes questões postas na sociedade e que a desafia cotidianamente, como o exemplo dado da graduação à distância, que impactará o projeto de formação profissional defendido e conquistado.

Uma outra importante discussão a se fazer, que precisa ser recuperada, é a questão da formação profissional. Quando esse assunto era abordado, geralmente remetia-se à “academia”, à Universidade, lembrando muitas vezes a “formação que eu tive”. Mais do que isso,

quando destacava-se a “relação teoria-prática”, mesmo dentre as profissionais que falaram ser esta relação indissolúvel, que uma “alimenta a outra e é alimentada”, que assim deve ser entendida como “práxis”, o que percebemos é que, depois, em algum momento da entrevista, falava-se que a teoria está com a Universidade e a prática está “comigo”. Mas em todo momento a formação é vista como fundamental para a atuação profissional comprometida com os direitos sociais, com uma visão de homem e de mundo.

Neste sentido, ao discutir a capacitação continuada, o mais interessante era que as profissionais sempre a articularam com a necessidade de se capacitar para ter uma melhor atuação, e não para o mercado de trabalho, para se manter “empregado”, para melhores salários, etc., pois essa é uma característica da ideologia neoliberal acerca dos empregos: o mito da empregabilidade, e que poderia influenciar nas respostas, mas isso não foi percebido.

Sobre o debate profissional foi interessante verificar que sempre se remetia ao Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), espaço de representação da categoria profissional, mas também à produção teórica e metodológica mais geral, pois o debate profissional é sempre teórico, metodológico, ético e político, não devendo ser priorizado apenas uma dessas dimensões, já que o projeto profissional é uma totalidade que contém essas dimensões.

Acredita-se que por essas participações, nos espaços coletivos e políticos, e mesmo em espaços de formação teórica, os profissionais podem contribuir, e, pelos depoimentos, vêm contribuindo, para ampliar a materialidade do projeto profissional.

Obviamente que a conjuntura atual é de diminuição dos espaços para a ampliação desse projeto, mas é necessário continuar, é necessário se capacitar e perceber quais são os caminhos que podem ser, e que concretamente estão sendo construídos no interior da sociedade. Os vários projetos estão em disputa, mas é necessário entender essa tensão e buscar a proposta que mais se adequa aos princípios defendidos por esse projeto que foi construído, e “lutado”, ao longo da trajetória da profissão.

Isso significa dizer que é necessário apoiar e construir junto as lutas mais amplas dos “sujeitos coletivos”, ou seja, é importante entender-se como parte desse sujeito coletivo. Para isso, a incorporação desse projeto é fundamental.

A capacitação continuada e a participação política podem ser elementos que facilitem uma reflexão coletiva acerca do papel do projeto ético-político profissional nessa sociedade. Mas, obviamente que são apenas dois elementos destacados, pois na formação individual dos profissionais várias outras características teriam que ser analisadas. Priorizou-se apenas essas.

Enfim, acredita-se que a contribuição destas reflexões vão na perspectiva de refletir os espaços e processos em que essa formação continuada se dá. E cabe às entidades da categoria profissional, assim como à universidade, pensar propostas que ampliem essa articulação com o movimento mais amplo da sociedade na construção de alternativas ao modelo atualmente implantado.

## BIBLIOGRAFIA

---

**"Se quisermos reencontrar o  
pensamento e a obra, e se quisermos ser  
fiéis a eles, só nos resta um caminho:  
pensar de novo".**

(O Filósofo e a sua sombra - Maurice Merleau-Ponty)

ABEPSS. “Formação do assistente social no Brasil e a consolidação do projeto ético-político”. In *Revista Serviço Social e Sociedade nº.79*. São Paulo: Cortez, setembro de 2004, p. 72 a 81.

ABESS/CEDEPSS. “Proposta básica para o Projeto de Formação Profissional”. In *Revista Serviço Social e Sociedade nº. 50*. São Paulo: Cortez, abril de 1996, p. 143 a 171.

ALVES, Giovanni. “Reestruturação produtiva no Brasil nos anos 90”. In *O Novo e Precário Mundo do Trabalho – reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*, São Paulo: FAPESP;Boitempo, 2000, p. 179 a 199.

ALVES, Rubem. “Pesquisa: para quê?” In *Revista Reflexão, nº 1*. Campinas: Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC, setembro de 1975, p. 35 a 41.

AMIM, Samir e HOUTART, François (orgs). *Mundialização das Resistências: o estado das lutas 2003*. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDERSON, Perry. “Balanço do Neoliberalismo”. In Emir Sader (org.). *Pós-neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 9 a 23.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. “A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do Serviço Social”. In *Revista Serviço Social e Sociedade nº.79*. São Paulo: Cortez, setembro de 2004, p. 27 a 42.

\_\_\_\_\_. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ética e Sociedade*. In Caderno I, Curso Ética em Movimento, Comissão Permanente de Ética e Direitos Humanos/CFESS. Brasília: CFESS, 2000.

\_\_\_\_\_. “Os fundamentos sócio-históricos da ética”. In Capacitação em Serviço Social e Política Social : Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. Brasília : CEAD, 1999. p. 119 a 136.

BARROCO *et al.* “A Centralidade da Ética na Formação Profissional”. In Revista Temporalis nº 2: Diretrizes Curriculares: polêmicas e perspectivas, Brasília:ABEPSS, julho a dezembro de 2000, p.19 a 33.

BATISTONE, Maria Rosângela. “Indústria e Trabalho Metalúrgico sob o Impacto da Crise dos Anos 80”. In *Entre a Fábrica e o Sindicato: os dilemas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (1967-1987)*. Doutorado em Serviço Social. São Paulo: PUC-SP, 2001.

BRITES, Cristina Maria. *Reflexão Ética e Vida Cotidiana*. São Paulo: Faculdade de Serviço Social, PUC/SP, mimeo, 1999.

BRITES, Cristina Maria e SALES, Mione Apolinario. *Ética e Práxis Profissional*. In Caderno II, Curso Ética em Movimento, Comissão Permanente de Ética e Direitos Humanos/CFESS. Brasília: CFESS, 2000.

BOOTH, Wayne C., COLOMB, Gregory G., WILLIAMS, Joseph M. *A arte da pesquisa*; tradução Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARDOSO, Franci Gomes. "A pesquisa na formação profissional do assistente social: algumas exigências e desafios". In Cadernos ABESS nº8 – Diretrizes Curriculares e pesquisa em Serviço Social. São Paulo: Cortez, novembro de 1998.

CFESS. *Código de Ética do Assistente Social. Lei nº 8.662/93 de Regulamentação da Profissão*. Brasília: CFESS, 1997.

\_\_\_\_\_. Relatório das Sessões Temáticas – XIX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais: Trabalho e Projeto Ético-político Profissional. Goiânia: CFESS, Julho de 1998.

\_\_\_\_\_. Relatório Final da gestão 1999-2002 do Conselho Federal de Serviço Social. Rio de Janeiro/Brasília, 1 de maio de 2002.

CHAUÍ, Marilena. "Público, privado, despotismo". In NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 345 a 390.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. N.º131, seção 1, de 9 de julho de 2001. Brasília: Imprensa Nacional.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FREIRE, Paulo. "Prática didático-pedagógica no Processo de Formação Profissional". In Maria Lucia RODRIGUES (org.). *Ensino de Serviço Social: Polêmicas*. São Paulo: Educ, 1992, p. 37 a 47.

HARVEY, David. "Do Fordismo a Acumulação Flexível". In *Condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 135 a 162.

IAMAMOTO, Marilda Villela. "Os caminhos da pesquisa em Serviço Social". Mimeo, 2004.

\_\_\_\_\_. "Projeto Profissional, espaços ocupacionais e trabalho do (a) Assistente Social na atualidade". In *Atribuições Privativas do (a) Assistente Social - Em Questão*. CFESS: 2002, p. 13 a 46.

\_\_\_\_\_. *O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e Formação profissional*. São Paulo: Cortez, 5ª edição, 2001b.

\_\_\_\_\_. "Divisão do Trabalho e Serviço Social". In *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 5ª edição, 2000, p. 54 a 112.

\_\_\_\_\_. "O trabalho do assistente social frente às mudanças do padrão de acumulação e de regulação social". In *Capacitação em Serviço Social e política social: Módulo 1: crise contemporânea, questão social e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999. p. 111 a 126.



IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – esboço de uma interpretação histórico-metodológica* - 12 edição - São Paulo: Cortez; (Lima, Peru): CELATS, 1998.

IANNI, Octávio. *Dialética e Ciências Sociais*. In “Epistemologia das ciências sociais. São Paulo: EDUC, 1984. (Série Cadernos PUC – 19)

KOIKE, Marieta. As novas exigências teóricas, metodológicas e operacionais da formação profissional na contemporaneidade. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 2: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999.

LOWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2003

MARTINELLI, Maria Lúcia. A pergunta pela identidade profissional do Serviço Social: uma matriz de análise. São Paulo: Puc, mimeo, 2005.

MARX, Karl. “Processo de Trabalho e Processo de Valorização”. In *O Capital – volume I – Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

\_\_\_\_\_. “Salário, Preço e Lucro”. In *Os Pensadores*. São Paulo: abril cultural, julho de 1994.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1982 (Teses sobre Feurbach e a História).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Parecer n.º 492/2001 do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Ensino Superior. Brasília : 03 de abril de 2001.

MIRANDA, Glaura Vasques de. "A produção e a reapropriação do saber no ensino superior". In Cadernos CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade) n.º 22 – Educação superior: autonomia, pesquisa, extensão, ensino e qualidade. São Paulo: Cortez, 1988, p. 17 a 26.

MONTANO, Carlos Eduardo. "Características do debate dominante sobre o (conceito) "Terceiro Setor". In "*Terceiro Setor*" e "*Questão Social*" na *Reestruturação do Capital – O Canto da Sereia*. Doutorado em Serviço Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

NEPEDH, "Ética e Direitos Humanos: unidade e diversidade do Fórum Social Mundial". PUC/SP, mimeo, 2002.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. “A conjuntura brasileira: O Serviço Social posto à prova”. In *Revista Serviço Social e Sociedade nº.79*. São Paulo: Cortez, setembro de 2004, p.5 a 26.

\_\_\_\_\_. *Marxismo Impenitente. Contribuição à história das idéias marxistas*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. “A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea”. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 1: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999.

\_\_\_\_\_. “Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil”. In *Revista Serviço Social e Sociedade nº. 50*. São Paulo: Cortez, abril de 1996, p. 87 a 132.

\_\_\_\_\_. *Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1995 (Coleção questões de nossa época: v.20).

NISBET, Robert A. “Conservadorismo e Sociologia”. In MARTINS, José de Souza (org.). *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. Editora Hucitec: São Paulo, 1986, pág. 62 a 76.

PARO, Vitor Henrique. “Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica”. In *Escritos sobre Educação*. São Paulo: Xamã, 2001.

PUCSP. Currículo do Curso de Serviço Social, São Paulo: Faculdade de Serviço Social, mimeo, março de 98.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. S/d.

RAICHELIS, Rachel. “Serviço Social: as respostas da categoria aos desafios conjunturais”. In Congresso Chico Mendes – Ed, Cortez/ANAS, 1991.

SERRA, Rose M. S. “O Serviço Social do Rio de Janeiro na crise do Estado brasileiro e em face do projeto neoliberal”. In *Crise da materialidade no serviço social: repercussões no mercado profissional*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 117 a 175.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 21ª edição revisada e ampliada, 2000.

SILVA, Ademir Alves da Silva. “A profissão de Assistente Social no limiar do novo século”. In *O Social em Questão 2 - Revista do Programa de Mestrado em Serviço Social*. Rio de Janeiro: PUC, 1997.

SIMIONATO, Ivete. “As expressões ideoculturais da crise capitalista da atualidade”. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 1: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999.

SOARES, Laura Tavares. *Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina*. São Paulo: Cortez, 2000 (coleção Questões da Nossa Época; v. 78)

VIEIRA, Evaldo. *Os Direitos e a Política Social*. São Paulo: Cortez, 2004.

YAZBECK, Maria Carmelita. “O Serviço Social como especialização do trabalho coletivo”. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Programa de Capacitação Continuada para Assistentes Sociais*. Brasília: UnB/CFESS/ABEPSS/CEAD: Módulo II, 1999.

\_\_\_\_\_. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Programa de Capacitação Continuada para Assistentes Sociais*. Brasília: UnB/CFESS/ABEPSS/CEAD: Módulo II, 1999.



**Roteiro semi-estruturado de pesquisa com as (os)**  
**assistentes sociais**

1 – Onde e quando você se formou? Continuou (ou continua) estudando? (se sim, o quê e onde).

2 – Quem são os usuários dos serviços prestados pelo Serviço Social?

3 – Como você compreende o Serviço Social? Como você avalia seu exercício profissional e o cotidiano do seu trabalho? Como você analisa a atual conjuntura?

4 – Qual a sua opinião sobre a formação de assistente social? O que considera necessário ao assistente social para sua intervenção? Como entende a relação teoria e prática? Como você analisa a relação entre pesquisa e atividade profissional?

5 - Você acompanha o debate profissional? De que forma? (no geral e na sua área específica). De que forma você atualiza seus conhecimentos?

6 – Você tem alguma participação política?

7 – Qual a sua opinião sobre o projeto ético-político profissional?

8 – Qual a sua opinião sobre a capacitação continuada?

9 – Para finalizar, gostaria que você fizesse uma reflexão a partir desta: “A imagem que a população e os outros profissionais tem do Serviço Social é reflexo da ação cotidiana de seus agentes”.

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidada (o) a participar de uma pesquisa com profissionais de Serviço Social. Esta pesquisa é parte integrante da dissertação de mestrado, que deverá ser apresentada ao Programa de Pós-graduação de Serviço Social como um dos requisitos para a titulação de mestre.

Sua participação consciente, voluntária e sincera é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao aceitar participar você deve fornecer informações sobre alguns aspectos de sua vida profissional e opiniões pessoais, através de uma entrevista que será gravada. A utilização do gravador tem por objetivo garantir a fidelidade das informações fornecidas por você.

Em nenhum momento da pesquisa sua identidade será revelada e todas as informações fornecidas por você são sigilosas. Mesmo utilizando algumas informações na dissertação, que quando finalizada se tornará pública, sua identidade continuará resguardada, garantindo assim a confidencialidade.

Firma-se o **compromisso de total sigilo** de suas declarações.

Ao aceitar participar, você deve assinar este termo de consentimento, juntamente com a entrevistadora, termo do qual você terá uma cópia.

Agradeço pela atenção.



## CONSENTIMENTO

Eu ..... , declaro que li/ouvi as considerações feitas no Termo de Consentimento e concordo em fornecer as informações solicitadas através de uma entrevista que será gravada.

São Paulo, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

---

Entrevistado

---

Entrevistadora